Arthur Miller

As Bruxas de Salém

EXILADO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Arthur Miller

Título Original: The Crucible

Tradução de Valéria Chamon

PERSONAGENS

REVERENDO PARRIS

BETTY PARRIS

TITUBA

ABIGAIL WIL IAMS

SUSANA WALCOTT

SENHORA ANA PUTNAM

MERCY LEWIS

MARY WARREN

JOHN PROCTOR

REBECA NURSE

GILES COREY

REVERENDO JOHN HALE

ELIZABETH PROCTOR

FRANCIS NURSE

EZEQUIEL CHEEVER

JUIZ HATHORNE DANFORTH, delegado do governador

SARA GOOD

A AÇÃO SE PASSA EM MASSACHUSSETS NA PRIMAVERA DE 1692

CENA 1

Casa do Reverendo Parris

O Reverendo Parris ajoelhado, ao pé da cama da filha, Betty, que jaz no leito, inerte, reza, à beira das lágrimas. Entra Tituba, a escrava negra. Está arrasada e com medo porque o seu sexto sentido de escrava adverte-a de que, como sempre nesta casa, a tormenta vem desaguar nas suas costas).

TITUBA

Ela vai ficar boa depressa, não vai?

PARRIS

Fora daqui!

TITUBA

Ela não vai morrer, não é?

PARRIS

(*Fulo, pondo-se em pé num salto*)

Fora da minha vista!

(*Tituba sai*).

Oh, meu Deus! Ajudai-me!

(*Agarra carinhosamente a mão da filha*).

Filha! Querida filha! Acorda, abre os olhos, por favor. Betty, minha menina...

(Entra Abigail Williams. Toda ela é ansiedade, apreensão).

ABIGAIL

Tio? Está aqui Susana Walcott que vem da casa do Doutor Griggs.

(Susana Walcott, mocinha nervosa, mais nova que Abigail).

SUSANA

O doutor disse que não encontra nos livros remédio para esta doença.

PARRIS

Então que continue a procurar.

SUSANA

Ele disse também que é melhor o senhor começar a procurar causas sobrenaturais para isto, porque na medicina ... Ele não encontrou nada..

PARRIS

Não há aqui nenhuma causa sobrenatural. Já mandei chamar o Reverendo Hale de Beverley que, com certeza, vai confirmar isso. O doutor que se ocupe de medicina e não pense em causas sobrenaturais. Não existe isso por aqui.

SUSANA

Bom, eu só dei o recado...

(*Vai para sair*).

ABIGAIL

Nem uma palavra sobre isto na aldeia, Suzaninha.

PARRIS

Vai para casa e não fala com ninguém dessas coisas sobrenaturais, entendeu?

SUSANA

Mas, senhor, toda a aldeia está falando de feitiçaria.

É melhor então o senhor ir à praça e negar toda essa história.

PARRIS

E vou dizer o que? Que encontrei a minha filha e a minha sobrinha dançando na floresta, com outras meninas como endemoninhadas?

ABIGAIL

Dançávamos sim senhor. Mas isso não tem nada a ver com bruxaria.

PARRIS

Então o que faziam na floresta? Você ainda não me disse a verdade

ABIGAIL

Dançávamos, meu tio, e quando o senhor surgiu de repente do meio do arvoredo, Betty ficou tão assustada que desmaiou. Foi isso.

SUZANA

Foi isso, reverendo, foi só isso.

PARRIS

Eu tenho que saber a verdade, Abigail, porque os meus inimigos vão saber mais cedo ou mais tarde e ai vão me arruinar.

ABIGAIL

Nós não invocamos espíritos, meu tio.

PARRIS

Há em Salém uma facção que jurou afastar-me do púlpito. Imagina se descobrem que a minha própria casa é o centro de práticas obscenas. Vocês fizeram abominações naquela floresta...

SUZANA

Eram brincadeiras, reverendo.

PARRIS

(*Apontando para Betty*)

Chama a isto brincadeira? Abigail, se sabe alguma coisa que possa auxiliar o doutor, pelo amor de Deus, me diz.

(*Ela continua calada*).

Quando cheguei lá eu vi Tituba abanando os braços por cima da fogueira. Por que ela fazia isso? Gemia e gritava. Parecia um animal ferido, sacudindo-se!

ABIGAIL

Eram canções da terra dela...

PARRIS

Eu não posso pestanejar, Abigail, porque os meus inimigos têm os olhos bem abertos. Eu vi um vestido caído na relva.

ABIGAIL

(*Troca olhares com Suzana e responde com inocência*)

Um vestido?

PARRIS

Sim, um vestido. E tenho a impressão que também vi um vulto fugindo por entre as árvores – nu!

SUZANA

Era a Mercy Lewis, ela estava...

ABIGAIL

(*Cortando* a *terrorizada*)

Nenhuma de nós estava nua! O senhor não viu bem, meu tio!

PARRIS

Eu vi muito bem. Diz a verdade, Abigail. Diz a verdade porque o meu ministério e a vida de tua prima estão em jogo.

ABIGAIL

Não houve mais nada. Juro, tio.

PARRIS

Abigail, eu lutei durante três anos para conseguir dobrar esses orgulhosos, e agora, justamente na hora em que começavam a me respeitar nesta paróquia, vem você comprometer a minha honra!

Agora me responde com franqueza. O teu nome na aldeia... Não tem mancha, não é?

ABIGAIL

(*Quase ofendida*)

Não tenho nada de que me envergonhar.

PARRIS

Abigail, quando você foi despedida da casa de Elizabeth Proctor houve alguma razão para isso além daquela que me contou? Ouvi dizer que ela tem vindo muito pouco à igreja porque não quer sentar-se perto de uma criatura maculada. O que isto quer dizer?

ABIGAIL

Quer dizer que ela me odeia, meu tio, porque eu não consenti em ser sua escrava. Ela é uma mulher má, mentirosa e fria!

PARRIS

Mas... Depois disso nenhuma outra família te chamou para seus serviços.

ABIGAIL

O que elas todas querem é escravas!

(*Encolerizada*)

O meu nome está limpo! Não consinto que o manchem!

SUZANA

Essa Elizabeth Proctor não passa duma alcoviteira, reverendo.

CENA 2

Casa de Proctor

Elizabeth lida na cozinha ajudada por Mary Warren)

PROCTOR

(*Vindo de fora)*

Se a colheita for boa, compro a novilha de George Jacob. O que você acha?

ELIZABETH

É uma boa ideia.

(Entra Marta Corey)

MARTA

John, dizem que a filha do reverendo Parris está enfeitiçada. Toda a aldeia está falando nisso.

(Mary deixa cair a colher de pau que tinha nas mãos)

ELIZABETH

Que foi? Você sabe de alguma coisa?

MARY

Eu??? Não, senhora!!!

(Sai correndo)

MARTA

O Reverendo Harris mandou chamar o Reverendo Hale, de Beverley

JOHN

O caçador de demônios? Que bobagem é essa?

MARTA

O Giles pediu-me que viesse chamá-lo. Precisamos do seu bom senso, John.

PROCTOR

Vou me lavar um pouco.

(Sai)

Escurece a cena e abre de volta à Casa de Harris)

CENA 3

Casa do Reverendo Parris

Entra Ana Putnam, sofredora mulher de quarenta e cinco anos, envelhecida.)

SENHORA PUTNAM

Dá licença, Reverendo, vim tomada de preocupação.

PARRIS

Senhora Putnam, faça o favor de entrar.

SENHORA PUTNAM

(*Examinando atentamente o rosto de Betty*)

Os olhos dela estão fechados! Que coisa estranha!

(*Para Parris*).

Os da minha filha estão abertos.

PARRIS

(*Impressionado*)

A Rute também está doente?

SENHORA PUTNAM

Eu não chamo isso de doença. É muito pior do que qualquer doença. É a morte, tenho certeza!

PARRIS

Não diga isso, pelo amor de Deus! Quais são os sintomas de Rute?

SENHORA PUTNAM

Esta manhã, não acordou, mas tem os olhos abertos e anda pela casa, sem ver nem ouvir. Roubaram a alma de minha filha, tenho certeza.

(Parris está estarrecido).

SENHORA PUTNAM

É verdade que o senhor mandou chamar o Reverendo Hale, de Beverley?

PARRIS

Mera precaução. O Reverendo é grande perito em exorcismo e eu...

SENHORA PUTNAM

No ano passado desmascarou uma feiticeira em Beverley, lembra-se?

PARRIS

Não fale nessas coisas com tanta leviandade. Me expulsariam de Salém como a um cão danado se a minha própria casa fosse palco de tamanha corrupção.

SENHORA PUTNAM

Reverendo Parris, o senhor sabe que temos estado sempre a seu lado e continuaremos a estar; mas neste caso não posso concordar com o senhor.

Espíritos vingadores e assassinos apoderaram-se destas crianças.

PARRIS

(Repreendendo-a)

Ana Putnam!

SUZANA

O doutor disse que não conhece remédio para esta doença. Ele disse.

PARRIS

Fora daqui, Suzana. Vai. Vai pra casa e reza, minha menina. Reza.

(Suzana sai apressada se benzendo)

SENHORA PUTNAM

Eu pus no mundo sete filhas que não cheguei a batizar. Todas morreram no dia em que nasceram. A minha boca não se abriu mas dentro de mim crescia a desconfiança. E agora, a minha Rute, a única que me restou, começa a ficar cada dia mais estranha e a definhar, definhar, como se uma boca do inferno a estivesse sugando por dentro. Foi por isso que eu a mandei à Tituba...

PARRIS

Á Tituba!? Mas o que pode a Tituba?

SENHORA PUTNAM

A Tituba sabe falar com os mortos, Reverendo Parris.

PARRIS

(Horrorizado)

Dona Ana, Dona Ana, invocar os mortos é um pecado tremendo!

SENHORA PUTNAM

Minhas filhas foram assassinadas, Reverendo Parris!

E quer uma prova? A noite passada a minha Rute nunca esteve tão perto das almas das irmãs. De outra maneira como explica que ela não possa falar... a não ser que algum poder das trevas lhe tape a boca!?

PARRIS

Mulher!!!

SENHORA PUTNAM

O senhor não compreende, Reverendo! Existe uma bruxa entre nós, uma assassina, agindo na sombra.

(*Parris olha para Betty: tomado de terror*).

O senhor não pode vacilar. Seus inimigos que façam o que bem entenderem,

PARRIS

(*Para Abigail*)

Então na noite passada vocês estavam invocando os espíritos?!

ABIGAIL

(*Num murmúrio*)

Eu não, meu tio. Tituba e Rute.

PARRIS

Abigail, boa paga me dás pelo bem que te fiz! Estou perdido.

SENHORA PUTNAM

Não espere que ninguém o acuse, seja o primeiro a acusar. Foi o senhor quem descobriu a feitiçaria...

PARRIS

Em minha casa? Em minha casa, Ana? Eles vão arrasar-me!

(*Entra Mercy Lewis, a criada dos Putnam, moça matreira e impiedosa)*

MERCY

Desculpem. Eu só vim ver como está a Betty.

SENHORA PUTNAM

O que faz aqui? Quem ficou com Rute?

MERCY

A avozinha. Parece que ela está um pouquinho melhor: Ela deu um espirro!

SENHORA PUTNAM

Oh, um sinal de vida, finalmente!

MERCY

Não sei não, Senhora Putnam. Olhe que foi um grande espirro. Mais um como aquele e ela vai desta pra melhor, garanto.

(*Vai para junto da cama espreitar*).

SENHORA PUTNAM

Meu Deus! Reverendo, faça frente ao Demônio, e a vila inteira o abençoará!

Desça, fale-lhes, reze com eles! Eles estão sedentos das suas palavras!

PARRIS

(*Convencido*)

Sim, vou cantar um salmo com eles, mas, peço-lhe, nem uma palavra sobre isto. Não quero discutir essa história.

Já tive muitos conflitos desde que cheguei aqui. Não quero mais.

(Sai)

SENHORA PUTNAM

(Saindo junto)

Mercy, vai já para casa e não sai de perto de Rute.

MERCY

Sim, minha senhora.

ABIGAIL

(Para Mercy)

O que é que a Rute tem?

MERCY

Sei lá, desde ontem à noite que parece uma morta em pé.

ABIGAIL

(*Para Betty*)

Betty?

(*Sacode-a*)

Vamos acabar com isto! Betty! Lavanta-te!

(Betty não mexe um músculo)

MERCY

Já experimentou bater nela? Eu dei uma boa lambada na Rute e ela acordou... Quer dizer... Por um instante. Deixa, que eu cante minha mão no rosto dela. Vai ver como acorda.

ABIGAIL

(*Detendo Mercy*)

Não, ele pode voltar. Agora, ouve: se te perguntarem alguma coisa sobre ontem à noite, diz que estivemos dançando. Foi o que eu disse.

MERCY

Está bem. E que mais?

ABIGAIL

O meu tio sabe que Tituba invocou os espíritos das irmãs de Rute.

MERCY

E que mais?

ABIGAIL

Ele te viu nua.

MERCY

(*Batendo as mãos com uma gargalhada assustada*)

Oh, Santo Deus!

(Entra Mary Warren, ofegante, seguida de Suzana).

MARY WARREN

O que vamos fazer? Toda a vila está fora de si! Todo mundo só fala em feitiçaria! Vão chamar a gente de feiticeiras, Abby!

MERCY

(O*lhos fixos nela*)

Ela quer contar-lhes tudo, aposto.

MARY WARREN

Mas, Abby, nós temos que contar.

SUZANA

A feitiçaria é crime de forca! Lembra dos enforcamentos de Boston há dois anos?

MARY WARREN

Temos que dizer a verdade, Abby! Vão te dar umas chicotadas e pronto!

ABIGAIL

Vão-nos dar umas chicotadas, você quer dizer!

MARY WARREN

Eu não fiz nada, Abby! Só estava olhando!

(Betty, na cama, geme. Abigail volta-se de repente para ela.)

ABIGAIL

Betty?!

(*Vai a ela*).

Vamos, Betty, querida, agora já pode levantar. É a Abigail.

(*Senta Betty à força na cama e sacode-a com fúria*).

Eu te bato, Betty.

(*Betty geme*).

Olha, já contei tudo pro teu pai. Você não tem mais motivo para...

BETTY

(*Com medo foge da cama e atira-se contra a parede*)

Quero a minha mãezinha!

ABIGAIL

Que disparate é esse, Betty? A tua mãe já morreu há muito tempo.

BETTY

Você bebeu sangue, Abigail! Isso você não lhe disse, não é? Disse, Abigail?

Disse que bebeu sangue? Pra invocar os maus espíritos? Disse?

ABIGAIL

Betty, não diga isso outra vez. Nunca, nunca, está ouvindo ...

BETTY

Bebeu, sim senhora, bebeu! Bebeu para matar a mulher de John Proctor!

ABIGAIL

Cala essa boca, cala essa boca! Você está louca.

Está fora de si!

BETTY

Você fez bruxaria para matar Elizabeth Proctor. Você fez. Estou com medo dos maus espíritos. Do diabo!

(*Caindo sobre a cama em soluços*).

ABIGAIL

Agora me ouçam: Estivemos dançando na floresta e Tituba invocou os espíritos das irmãs de Rute. Muito bem. É só. Se alguma de vocês deixar escapar uma palavra sobre o resto, ai dela! Hei de persegui-la no mais fundo da noite mais escura e juro: aí vai ter razão para ter medo. Vocês sabem muito bem do que sou capaz! Já tenho visto coisas de por os cabelos em pé. Por isso tenham muito cuidado: posso fazer com que se arrependam de ter nascido!

(S*enta Betty na cama com brusquidão*).

E você, minha prima, levanta! Já é tempo de acabar com essa história!

(Betty, porém, desmaia-lhe nos braços e fica inerte sobre o leito)

MARY WARREN

(*Num pavor histérico*)

Meu Deus, o que é que deu em você, agora?

(*Abigail olha para Betty aterrorizada*).

MERCY

Abby, ela vai morrer!

SUZANA

É pecado invocar os espíritos e nós...

ABIGAIL

(*Dirigindo-se para Mary*)

Eu disse pra vocês se calarem!

(Entra John Proctor. Ao vê-lo, Mary Warren reage, assustada)

PROCTOR

Você é surda, Mary Warren? Não te proibi de sair de casa? Para que eu te pago? Ando mais vezes à sua procura do que das minhas vacas!

MARY WARREN

Vim só ver os grandes acontecimentos, senhor.

PROCTOR

Eu te dou os grandes acontecimentos no lombo você vai ver. Agora, já para casa! A minha mulher está à tua espera!

(*Procurando conservar um pouco de dignidade, Mary Warren sai, mas devagar*).

MERCY

(*Com medo e estranhamente excitada*)

Bem, o melhor é ir embora também. Tenho que ir tomar conta da minha Rute. Bom dia, senhor Proctor! Vamos Suzana.

(Correm as duas)

(Abigail, absorta diante dele. Olhos muito abertos. Ele a olha de relance)

PROCTOR

(Aproximando-se de Betty)

Que falsidade e essa agora?

ABIGAIL

(*Com uma gargalhada nervosa*)

Oh, ela surtou, mais nada.

PROCTOR

Na estrada que passa pela minha casa há uma verdadeira peregrinação para Salém. Na aldeia fala-se à boca pequena em feitiçaria.

ABIGAIL

História!

(*Sinuosa, aproxima-se de Proctor com ar cúmplice e perverso*).

Nós estivemos dançando na floresta a noite passada e o meu tio nos surpreendeu. Betty assustou-se e entrou em choque. É tudo.

PROCTOR

(*Sorrindo*)

A mesma perversazinha de sempre, hein?

(*Abigail aproxima-se procurando avidamente seus olhos*).

Antes de fazer vinte anos, você ainda será amarrada ao pelourinho.

(Tenta sair mas ela barrar-lhe o caminho)

ABIGAIL

Só uma palavra, John. Uma palavra de ternura.

(*Ao ver nela tanto desejo acumulado, John Proctor deixa de sorrir*).

PROCTOR

Não, não, Abigail! Isso já acabou.

ABIGAIL

(*Com escárnio*)

Quer me convencer que andou cinco milhas só para ver uma menina tonta em estado de choque? Eu te conheço muito bem.

PROCTOR

(*Afastando-a com rudeza*)

Realmente não. Vim ver a nova mentira que o teu tio está tramando. Somente! Põe isso na tua cabeça, Abigail Williams!

ABIGAIL

(*Agarrando-o*)

John, tenho esperado por você todas as noites.

PROCTOR

Mas que esperanças eu dei Abby?

ABIGAIL

Você me deu muito mais do que esperanças!

PROCTOR

Tira isso da cabeça, Abby. Eu nunca mais vou te procurar.

ABIGAIL

Não brinca comigo. Eu te conheço muito bem.

Conheço porque só eu sei como você cravou as unhas nas minhas costas, atrás da tua casa; e como suava igual a um garanhão sempre que eu me aproximava! Ou será que sonhei? Bem vi a tua cara quando tua mulher correu comigo. Você me amava e me ama ainda!

PROCTOR

Abby, você só diz besteiras...

ABIGAIL

Tenho te visto, John, noites e noites... O teu calor entrando pela janela a dentro, olhando para mim, os teus olhos tão belos ardendo em solidão. Não mente, não nega: você tem olhado pela minha janela. Você me deseja, John!

PROCTOR

Nunca. Há sete meses que não saio da fazenda

ABIGAIL

(*Mais terna)*

John! Você não é um homem frio. Eu te conheço, John, eu te conheço. Eu não durmo, ai de mim, vagueio pela casa, sempre à tua espera, sempre à espera que você entre por qualquer porta.

(*Aperta-o com desespero*).

PROCTOR

(*Afastando-a com gentileza*)

Criança...

ABIGAIL

(*Num rompante de fúria*)

Não me chame de criança!

(Ouvem-se salmos puxados por Parris)

PROCTOR

Abby, eu posso pensar em você de vez em quando, com ternura. Mas arranquem-me os olhos se alguma vez eu vier te procurar. Afasta isso da ideia de uma vez. Na realidade nós nunca tocamos verdadeiramente um no outro.

ABIGAIL

Tocamos, tocamos.

PROCTOR

Não, não tocamos.

ABIGAIL

(*Com raiva torva*)

Oh, que coisa triste ver um homem como você se deixar dominar por uma mulherzinha tão sonsa como...

PROCTOR

(*Furioso*)

Proíbo que você abra a boca pra falar de Elizabeth!

ABIGAIL

Essa mulher anda me difamando por ai! Espalhando calúnias a meu respeito! Uma mulher fria, fraca e você se curva diante dela! Ela faz de você um...

PROCTOR

(*Sacudindo-a*)

Quer apanhar, quer?

(Os salmos continuam, agora mais alto).

ABIGAIL

Não, quero o John Proctor que me acordou do sono em que eu vivia e me mostrou a mulher que eu posso ser! Eu não conhecia a falsidade de Salém, nem sabia que era mentira o que ensinavam todas estas beatas! E você me pede para arrancar a luz dos meus olhos? Não arranco, não posso arrancar!

Você me amou, John Proctor, e embora seja pecado, ainda me ama!

(*Ele pretende sair. Ela corre para ele*).

John, tem piedade de mim!

(Betty tapa os ouvidos ao ouvir o salmo e começa a gemer alto).

ABIGAIL

Betty?

(*Corre para Betty, na cama, que grita. Proctor também se aproxima*).

PROCTOR

(*Irritado*)

O que tem, menina? Vamos acabar com essa choradeira!

(A cantoria lá em baixo pára e Parris entra esbaforido)

PARRIS

O que aconteceu? O que vocês estão fazendo com minha filha? Betty!

(Entram a Senhora Putnam e Mercy Lewis. Parris esbofeteia a filha, levemente, enquanto ela geme e procura levantar-se à força).

ABIGAIL

Ela ouviu vocês cantarem e levantou-se aos gritos.

SENHORA PUTNAM

O salmo! Ela não pode ouvir o nome do Senhor!

PARRIS

Deus nos proteja! Mercy, vá chamar o médico!

Conta-lhe o que se passou aqui!

(*Mercy Lewis sai a correr*. E*ntra Rebeca Nurse, anciã de cabeça branca, apoiada a uma bengala*, *acompanhada de Suzana Walcott*)

SENHORA PUTNAM

Já a minha mãe me dizia! Quando eles já não suportam o nome do Senhor...

PARRIS

(*A tremer*)

Rebeca, faça alguma coisa. Estamos perdidos. Dum momento para o outro ela já não pode ouvir o Santo Nome do Senhor...

(Entra Giles Corey, de oitenta anos, ancião sagaz, perguntador e ainda robusto seguido de Marta, sua mulher).

GILES

Então, John, a Marta te avisou ...

REBECA

Há uma pessoa doente aqui, Giles Corey. Por isso faz o favor de ficar calado.

GILES

Estou calado. Todos aqui são testemunhas de que eu estou calado. Então, ela está mesmo possuída?

MARTA

Homem, calado agora, por amor de Deus!

(Todos se calam. Betty geme baixinho. Rebeca Nurse, Irradiada de serena bondade debruça-se sobre ela que vai sossegando gradualmente.

SENHORA PUTNAM

(*Espantada*)

O que é que a senhora lhe fez?

(Rebeca, pensativa, sai de junto do leito e senta-se)

SENHORA PUTNAM

(*Com ansiedade*)

Senhora Nurse, importa-se de ir a minha casa ver se consegue despertar a minha Rute?

REBECA

(*Sentada*)

Ela acordará no devido tempo. Tenham calma, pelo amor de Deus! Eu tive onze filhos e fui avó

vinte e seis vezes. Sei que essas jovens quando cismam, nem o mais fino dos diabos consegue convencê-las a abandonar os seus fingimentos.

MARTA

Ela acordará quando se cansar de dormir. Já li sobre isso.

REBECA

Com amor e paciência, ela voltará ao normal por sua livre vontade.

SENHORA PUTNAM

A minha filha está enfeitiçada, Rebeca. Ela nem pode comer!

REBECA

Talvez ela não tenha fome.

(*Para Parris*).

Espero que o senhor tenha o bom senso de não se pôr à procura de almas penadas, Reverendo Parris. Vi sinais disso lá fora.

PARRIS

Muita gente na paróquia está convencida que o Demônio se encontra entre nós: tenho que persuadi-los de que estão enganados.

PROCTOR

Então por que não vai lá abaixo dizer-lhes isso? O senhor convocou a assembleia antes de chamar esse padre exorcista?

PARRIS

Estou farto de assembleias. Não pode um homem dar um passo sem convocar assembleias?

PROCTOR

Pode sim senhor, mas não em direção ao inferno!

MARTA

Pelo amor de Deus, John, acalme-se.

REBECA

Senhor Parris, na minha opinião o melhor é mandar embora o Reverendo Hale assim que ele chegar. A presença dele é capaz de reacender velhas discussões em nossa comunidade. Penso que é preferível confiar no nosso médico e nas nossas orações.

MARTA

Eu também acho, Rebeca.

SENHORA PUTNAM

Mas o nosso médico disse não saber nada destas doenças, Rebeca!

REBECA

Há um perigo enorme em procurar esses espíritos.

Por que não procuramos a culpa em nós mesmos?

MARTA

Tenho medo, tenho muito medo disso!

(Saindo)

Já vi o bastante por hoje.

SENHORA PUTNAM

(S*arcástica*)

Julga por acaso que é obra de Deus a senhora nunca ter perdido um filho nem um neto e eu ter enterrado todas as minhas filhas menos uma?

Nesta terra, há rodas dentro de rodas e fogueiras dentro de fogueiras!

SUZANA

Abby, o que vamos fazer? Abby eu confio em você.

SENHORA PUTNAM

(*Para Parris*)

Quando o Reverendo Hale chegar, trate logo de procurar os sinais de feitiçaria.

PROCTOR

Que é isso? A senhora não pode dar ordens ao Reverendo Parris. Na nossa comunidade, nós votamos por pessoa, não pelo número de acres.

SENHORA PUTNAM

Não sabia que o senhor se importava tanto com a nossa comunidade, caro Proctor. Não o tenho visto em nosso culto de sábado pelo menos desde que deixou de nevar.

PROCTOR

Tenho mais o que fazer do que andar cinco milhas só para ouvir falar das chamas do inferno e da danação eterna. Fique sabendo, Reverendo que há muita gente como eu que tem se afastado da igreja porque o senhor há muito tempo que mal fala em Deus.

PARRIS

Essa é uma acusação muito grave!

REBECA

Mas, infelizmente justa! As pessoas têm até medo de trazer os filhos...

PARRIS

(Cortando)

E a lenha que me devem, onde está? O meu contrato estipula que me seja dada toda a lenha que precisar.

GILES

O senhor recebe seis libras por ano para comprar lenha. E foi nosso primeiro pastor a exigir a doação desta casa...

PARRIS

Sou formado em Harvard e não estou habituado a esta miséria. Não consigo entender porque me perseguem nesta terra. Tenho pensado muitas vezes se o Demônio não estará escondido entre vocês. Não posso compreender este povo doutra maneira. Então um pastor não tem direito a ter uma casa para viver?

PROCTOR

Para viver, sim. Mas exigir a propriedade dela é como querer possuir a própria igreja. No último sermão que ouvi, o senhor falou tanto em doações e hipotecas que eu tive a impressão de estar assistindo a um leilão.

PARRIS

Ou há obediência ou a igreja arde como o inferno arde em chamas!

PROCTOR

O senhor não pode falar um minuto sem nos mandar todos para o inferno? Estou farto de tanto inferno!

PARRIS

(*Já fora de si*)

Há um partido nesta igreja. O senhor julga que eu sou cego? Há uma facção e há um partido.

PROCTOR

Contra o senhor?

SENHORA PUTNAM

Contra ele e contra toda a autoridade!

PROCTOR

Então tenho que procurar esse partido para me filiar nele.

(Ao ouvir estas palavras os outros ficam estupefatos.)

REBECA

Você não está falando sério! Você não é homem para faltar com o respeito ao pastor, John Proctor. Anda, aperta-lhe a mão, façam as pazes.

PROCTOR

Desta autoridade nem o cheiro suporto. Agora deixa-me ir que tenho muito que fazer no campo e lenha para carregar para casa.

(*Para Giles com um sorriso*).

O que diz a isto, meu bom Giles? Temos que encontrar o tal partido.

GILES

Não sei. Só sei que mudei a minha opinião a respeito dele, John. Reverendo Parris, peço-lhe desculpa, mas nunca supus que tivesse tanto fel no coração. Não admira que o ódio e os conflitos se tenham instalado entre nós.

(*Para todos*).

Pensem bem nisto. Aqui está a razão porque todos abrem processos uns contra os outros. Eu, neste ano já respondi em tribunal seis vezes.

PROCTOR

Agora vamos embora, Giles, e ajuda-me a carregar a minha lenha.

SENHORA PUTNAM

Que lenha é essa se me permite a pergunta?

PROCTOR

Lenha da minha floresta que fica à beira do rio.

PUTNAM

Essa área está dentro das terras de meu marido, senhor Proctor.

PROCTOR

Eu a comprei há cinco meses do marido da senhora Nurse.

PUTNAM

Ele não tinha o direito de vender. No testamento do meu avô, toda a terra e o rio e...

PROCTOR

O seu avozinho tinha o hábito de deixar em testamento terras que nunca lhe pertenceram, para falar com franqueza.

GILES

Isso é a pura verdade. Ele também dispôs duma pastagem minha como se fosse dele, mas ele

sabia que eu lhe arrancava os olhos se pusesse o pé nela. Vamos embora, John, vamos pôr a lenha em tua casa. De repente senti vontade de trabalhar.

SENHORA PUTNAM

A lenha que vocês vão carregar é minha, Vocês vão ter que se haver com meu marido, Proctor! Esperem pela citação!

(Entra o Reverendo John Hale de Beverley, cheio de livros)

PARRIS

Reverendo Hale, que prazer!

(*Pegando os livros*).

Quantos livros!

HALE

É preciso estudar muito para podermos vencer Satanás.

(*Reparando em Rebeca*).

A senhora é Rebeca Nurse, não é verdade?

REBECA

Conhece-me, Reverendo?

HALE

Em Beverley fala-se muito da sua caridade.

PARRIS

Permita-me que lhe apresente a senhora Ana Putnam, esposa de nosso admirável Thomas Putnam

SENHORA PUTNAM

Gostaria que fosse a nossa casa para salvar a nossa filha.

HALE

Ela também está doente?

SENHORA PUTNAM

Da alma, pelo menos. Desde ontem que não faz outra coisa senão dormir e andar como sonâmbula, apesar dos olhos abertos

HALE

(Para Proctor e Giles).

Os meus amigos também têm os filhos enfeitiçados?

PARRIS

Não, não. Estes senhores são agricultores. John Proctor e Giles Corey

GILES

Eu não acredito, em bruxas.

PROCTOR

Acredite ou não, não gosto de falar nessas coisas, reverendo. Espero sinceramente que o senhor deixe um bocado do seu bom-senso em Salém. Vamos, Giles.

(Sai)

GILES

Já vou. Mas antes quero fazer umas perguntas a este senhor.

PARRIS

(*Rápido*)

O senhor quer ter a bondade de examinar a minha filha?

SENHORA PUTNAM

Ela não suporta o nome do Senhor. É ou não é um sinal evidente de feitiçaria?

HALE

(*Erguendo as mãos*)

Não, minha amiga. Não podemos acreditar em superstição. O Demônio é rigoroso, as marcas da sua presença são nítidas...

SENHORA PUTNAM

Eu mandei minha filha à floresta com a escrava do Reverendo. Queria que ela soubesse de Tituba o nome de quem matou as irmãzinhas.

REBECA

(*Horrorizada*)

Dona Ana! A senhora mandou a sua filha invocar os mortos?

SENHORA PUTNAM

Que Deus me censure se fiz mal não a senhora, não a senhora, Rebeca Nurse!

(*Para Hale*).

O Reverendo acha natural uma pessoa perder sete filhos no primeiro dia de vida? Todos?

HALE

(*Impressionado*)

Sete mortos de nascença!

(*Hale abre um dos livros, vira páginas sobre páginas, encontra o que procurava. Todos esperam)*

HALE

(*Com volúpia do investigador intelectual*)

Neste livro, temos todo o mundo invisível desvendado. Aqui o demônio aparece-nos despojado de todos os disfarces. Portanto, nada receiem: Se estiver realmente entre nós, hei - de esmagá-lo assim que ele mostrar a face. Serei obrigado a bater, a dilacerar até a libertarmos.

REBECA

Então o melhor é ir-me embora porque já estou muito velha para assistir a esses horrores.

(*Levanta-se* e s*ai. Eles ficam irritados com a superioridade moral que há nela*).

GILES

Senhor Hale, sempre desejei perguntar isto a uma pessoa com instrução: ler livros esquisitos que significa?

HALE

Mas que livros?

GILES

Sei lá que livros. Ela esconde-os.

HALE

Mas quem?

GILES

Marta, a minha mulher. Muitas vezes acordo de noite e vou dar com ela enroscada a um canto a ler o seu livro. Diga-me agora: o que quer isto dizer?

HALE

Bem, meu amigo, isso não quer necessariamente...

GILES

Mas é uma coisa que me desconcerta. A noite passada por mais que fizesse não conseguia rezar as minhas orações. Quando ela fechou o livro e saiu porta a fora...Santo remédio: desatei a rezar outra vez!

HALE

Ah, sim? Obstrução das orações! Que coisa estranha! Havemos de falar a respeito disso mais tarde, está bem?

GILES

Eu não digo que ela esteja possuída pelo Diabo, nada disso, mas gostaria de saber que livros lê e por que ela os esconde de mim, compreende?

HALE

Vamos conversar sobre isso depois.

(*Para todos*).

Agora ouçam-me. Se o Demônio está realmente nesta criança, vão ser testemunhas de prodígios de estarrecer. Agora, Betty, minha querida, levanta, sim?

(*Ele senta Betty na cama, mas ela pende-lhe, flácida, das mãos*).

Hmmm.

(*Observa-a minuciosamente. Os outros assistem à cena sem respirar*).

Está me ouvindo? Eu sou o pastor de Beverley. Vim só para te ajudar, meu amor. Você não se lembra das minhas filhas com quem brincou em Beverley?

(Ela não mexe um músculo).

PARRIS

(*Desta vez com resolução*)

Betty! Responda ao senhor Hale! Betty!

HALE

Alguém te fez mal, minha filha?

(Ela *continua como morta. Depois levantando as mãos ambas, virado para ela, Hale entoa*). In nomine Domini Sabaoth sui filique ite ad infernos.

(*Ela continua imóvel. Para Abigail*).

Abigail, que espécie de dança vocês dançavam na floresta?

ABIGAIL

Que dança havia de ser? Uma dança vulgar, não é Suzana?

SUZANA

É dançávamos. Assim

(Dança um pouco)

HALE

(*Agarrando Abigail*)

Abigail, vê bem, a tua prima talvez esteja morrendo. Vocês invocaram o Demônio na noite

passada?

ABIGAIL

Eu não invoquei o demônio! Tituba, foi Tituba...

PARRIS

(*Empalidecendo*)

Tituba invocou o Demônio?

SUZANA

Foi ela. Foi ela mesma.

HALE

Quero falar com essa Tituba.

SENHORA PUTNAM

Vou buscá-la.

(*Sai)*

HALE

De que maneira ela o invocou?

ABIGAIL

Não sei dizer. Ela falava a língua dela.

HALE

Abigail, você não sentiu nada de estranho no momento em que ela o invocou? Por exemplo: um súbito vento gelado?

ABIGAIL

Eu não vi o Demônio, já disse.

(*Sacudindo Betty*).

Betty, acorda. Betty! Betty!

HALE

Não pode fugir à minha pergunta, Abigail! Responde!

A tua prima bebeu alguma poção?

ABIGAIL

Não senhor.

HALE

Por que razão me oculta a verdade? Terá vendido a alma a Lúcifer?

ABIGAIL

Eu nunca me vendi! Sou uma rapariga honesta! Sou uma mulher decente!

(Ana Putnam entra com Tituba. Imediatamente Abigail aponta para a escrava).

ABIGAIL

Foi ela que me obrigou! Foi ela que obrigou Betty!

(Para Suzana)

Não foi?

TITUBA

(*Zangada e chocada*)

Abby!

ABIGAIL

Sim senhor. Sim senhor. Foi ela que me obrigou a beber sangue!

PARRIS

Sangue!

SENHORA PUTNAM

Sangue da minha menina?

TITUBA

Não, minha senhora, não! Eu dei a ela sangue de galinha!

HALE

Mulher, que fez? Você aliciou estas crianças para as hostes do Demônio?

TITUBA

Não, não, patrão, não: eu não faço negócios com o Demônio, não.

HALE

Então por que é que Betty não acorda? É você que não a deixa falar?

TITUBA

Eu gosto muito da minha Betinha, senhor patrão.

HALE

Você dá ordens ao teu espírito para não largar esta criança, é ou não verdade? Está aliciando as almas para a causa do Demônio, não está?

ABIGAIL

Ela deu ordem ao espírito dela para vir comigo à igreja no sábado passado! Foi ela que me fez rir durante o culto!

PARRIS

Abigail ri muitas vezes durante o culto!

ABIGAIL

Todas as noites ela me obriga a ir com ela e a beber sangue!

TITUBA

Não mente Abby! Você é que me pediu pra ir à floresta para fazer invocação! Foi ela, patrão, que obrigou a Tituba a fazer encantamentos. Ela queria...

ABIGAIL

Mentirosa!

(*Para Hale*).

É ela que vem até mim quando eu estou dormindo! É ela que me faz ter sonhos vergonhosos!

TITUBA

Por que está dizendo essas coisas, Abby, por quê?

ABIGAIL

Muitas vezes acordo e não sinto o meu corpo! E ouço sempre as gargalhadas dela enquanto durmo. E ouço aquelas canções de negros que ela canta...É ela que me tenta sempre para...

TITUBA

Patrão Reverendo, juro, Tituba nunca...

HALE

(*Já decidido*)

Tituba, quero que acorde esta moça...

TITUBA

Tituba não tem pacto com o Diabo!

PARRIS

Ou confessa negra maldita, ou eu te levo lá para fora e te chicoteio até a morte.

SENHORA PUTNAM

Esta negra tem que ser enforcada! Imediatamente enforcada!

TITUBA

(*Aterrorizada, cai de joelhos*)

Não, não, não enforquem Tituba! Eu disse a ele que não queria trabalhar para ele, patrão, eu disse.

PARRIS

Ao Demônio?

HALE

Então você o viu?!

(*Tituba soluça*).

Ouve, Tituba: eu sei bem que é muito difícil a uma pessoa libertar-se das garras do Inferno uma vez que caiu nelas. Ora nós queremos te ajudar a quebrar essas cadeias e a ficar livre...

TITUBA

(*Assustada com o rumo que as coisas vão tomando*)

Patrão, Reverendo, há uma pessoa que está fazendo isso com as meninas.

HALE

Quem?

TITUBA

Não sei não, patrão. Mas o Diabo arranjou muitas bruxas para ele.

HALE

Tituba, olha para os meus olhos. Anda, olha, para os meus olhos.

(*Ela levanta os olhos, receosa*).

Quer ser uma boa cristã, não quer, Tituba?

TITUBA

Quero, sim, senhor, ser boa cristã.

HALE

Portanto, Tituba, pelo Santo Nome de Deus...

TITUBA

Que seja bendito. Que seja bendito.

(Ela está de joelhos, balançando o corpo, soluçando de terror.)

HALE

Quando o Diabo vem até você... vem com outra pessoa?

(*Tituba levanta os olhos para ele*).

Alguém que você conhece?

SENHORA PUTNAM

Sara Good? Viste alguma vez a Sara Good com ele? Ou a senhora Osburn?

PARRIS

Homem ou mulher? Responde.

TITUBA

Homem ou mulher? Era... era mulher.

PARRIS

Mas quem? Uma mulher! Mas que mulher?

TITUBA

Fazia muito escuro e Tituba...

PARRIS

Então via o Diabo e não via a mulher?

TITUBA

Bem, elas estavam sempre falando; corriam sempre à roda sem parar.

PARRIS

Mas eram de Salém? Eram bruxas de Salém?

TITUBA

Eram... eram sim, meu patrão.

(Nesta altura, Hale agarra-lhe nas mãos. A negra não cabe em si de surpresa.)

HALE

(*Com crescente exaltação*)

Tituba, você foi eleita para nos ajudar a limpar a nossa comunidade de todo o mal. Por isso fale abertamente, Tituba, vira as costas a Satanás e põe os olhos em Deus! Que Deus te protegerá.

TITUBA

(*Juntando a sua voz à dele*)

Oh, Deus protege a Tituba!

HALE

(*Persuasivo*)

Quem é que acompanhava o Demônio? Quem eram? Eram duas? Três? Quatro? Quantas eram?

(Tituba arqueja e começa outra vez a balançar o corpo de trás para diante, de diante para trás, os olhos fixos num ponto diante dela.)

TITUBA

Eram quatro. Eram quatro.

PARRIS

(*Tentando influenciar o ânimo da negra*)

Quem eram? Quem eram? Diz os nomes, os nomes delas.

TITUBA

(*Numa explosão súbita*)

Oh, quantas vezes ele me pediu para matar o senhor, Reverendo Parris!

PARRIS

Matar-me?

TITUBA

(*Num assomo de fúria*)

Ele dizia-me assim: "O Reverendo Parris não é homem bom, é homem mesquinho, mau". "Tituba, vai cortar-lhe a garganta!"

(*Estão todos de boca aberta estarrecidos*).

"Não! Eu não tenho ódio a esse branco. Por isso não vou matar esse homem. Vai tu". Mas ele dizia: "Tituba, tu trabalhas para mim e sou eu que vou te dar a liberdade! "Tu és um grande mentiroso, Diabo, tu és um grande mentiroso! "Então uma noite com muito vento, ele veio até mim e disse: "Olha, Tituba. O que é que pensas? Eu tenho *brancas* que trabalham para mim". Então eu olhei – e vi a senhora Good.

PARRIS

Sara Good?

TITUBA

(*Balançando o corpo e chorando*)

Sim, senhor. E a senhora Osburn.

SENHORA PUTNAM

Eu sabia, eu sabia. A senhora Osburn foi minha parteira por três vezes. Eu bem que tinha medo dela, mas meu marido não me deu ouvidos e as minhas meninas murcharam nas mãos dela.

HALE

Coragem, Tituba, coragem: Temos que proteger Betty, Tituba.

(Abigail levanta-se, os olhos extáticos, como inspirada e desata a gritar.)

ABIGAIL

Eu também quero confessar.

(*Voltam-se todos para ela, perplexos*).

Eu quero o doce amor de Jesus! Eu dancei para o Demônio, eu vi o Demônio; eu assinei o livro negro do Demônio; mas quero voltar para Jesus. Eu vi Sara Good com Satanás! Eu vi a senhora Osburn com Satanás! Eu vi Bridget Bishop com Satanás!

(Durante a fala inspirada de Abigail, Betty soergue-se no leito com o olhar febril e retoma a ladainha.)

BETTY

(*Também de olhos extáticos*)

Eu vi George Jacobs com Satanás! Eu vi a senhora Howe com Satanás!

PARRIS

Ela está falando!

(*Corre a abraçar a filha*).

Ela está falando!

HALE

Bendito seja Deus! Quebrou-se a cadeia! Elas estão livres!

BETTY

(*Gritando histericamente mas com visível alívio*)

Eu vi Marta Bellows com Satanás!

ABIGAIL

Eu vi a senhora Sibbers com Satanás!

SUZANA

Eu vi a senhora Sibbers com Satanás!

(A ladainha atinge neste momento uma espécie de grande jovialidade.)

SENHORA PUTNAM

A polícia, é preciso chamar a polícia.

(Parris põe-se a gritar uma oração de graças.)

BETTY

Eu vi Alice Barrows com Satanás!

(A luz vai caindo em resistência)

HALE

(*Para Putnam que vai saindo*)

Diga-lhe que traga correntes!

ABIGAIL

Eu vi a senhora Hawkins com Satanás!

BETTY

Eu vi a senhora Bibber com Satanás!

ABIGAIL

Eu vi a senhora Booth com Satanás!

(As outras vão repetindo o que elas dizem)

(Cai o pano)

CENA 4

Casa de Proctor, 8 Dias Depois

(Elizabeth junto à mesa, observa o marido. Ele, parado, à porta... Ele volta-se e fica-se a olhar para a mulher. É sensível o isolamento daquelas duas almas.)

PROCTOR

Tenho a impressão que você anda triste outra vez. Não anda?

ELIZABETH

(*Que deseja sobretudo não provocar atritos, mas não resiste*)

Você veio tão tarde que cheguei a pensar que tinha ido a Salém.

PROCTOR

Não tinha nada a tratar por lá

ELIZABETH

Mary foi lá hoje.

PROCTOR

Eu não a proibi?

ELIZABETH

Ela me assusta. Está mudada. Se eu a proíbo de ir ela levanta o queixo como a filha dum príncipe e me diz: "Eu tenho que ir a Salém, senhora Proctor, porque faço parte do Tribunal!"

PROCTOR

Tribunal? Mas que tribunal?

ELIZABETH

Sim, tribunal. E não se trata dum tribunal qualquer. Mandaram vir juízes de Boston, e quem preside é o Delegado do Governador da Província em pessoa!

PROCTOR

(*Espantado*)

Mas ela está louca!

ELIZABETH

Antes estivesse. Disse-me que já têm catorze pessoas na prisão... E vão ser todos julgados e o tribunal tem poderes para mandar todas para a forca.

PROCTOR

(*Sem grande convicção*)

Ora, eles não se atrevem a enforcar gente de Salém.

ELIZABETH

O Delegado do Governador prometeu a forca a quem não confessasse, John, Tenho a impressão que anda tudo doido. Mary falou-me de Abigail como quem fala duma santa. É ela que leva as outras mocinhas ao tribunal, e quando passa na rua a multidão abre caminho como se fosse o Mar Vermelho. E quando trazem alguém diante dela e as meninas se atiram ao chão gritando... metem-no na prisão e acusam-no de feitiçaria

PROCTOR

(*Espantado*)

Mas isso é horrível!

ELIZABETH

Você tem que ir a Salém, John. Tem que ir pra dizer-lhes que tudo isto não passa duma mentira.

(Ele não responde)

Vai falar com Ezequiel Cheever. Ele te conhece bem. Conta o que Abigail te disse na semana passada. Que a doença da prima não tinha nada a ver com a feitiçaria. Ela não te disse?

PROCTOR

(*Perdido nos seus pensamentos*)

Sim, disse, disse. É extraordinário como eles acreditam nela.

ELIZABETH

Se fosse eu, ia a Salém agora mesmo. Vai esta noite, John.

PROCTOR

Como vou provar o que ela me disse? Se anda tudo doido, se a consideram uma santa, não vai ser fácil provar que ela não passa duma impostora. O que ela me disse, disse-me sozinha num quarto. Não tenho testemunhas.

ELIZABETH

Estava só com ela?

PROCTOR

Por alguns momentos, sim.

ELIZABETH

Não foi o que você me contou.

PROCTOR

(*Zangando-se*)

Os outros vieram logo depois.

ELIZABETH

(Desconfiada)

John, se não fosse Abigail a pessoa que você tem o dever de desmascarar, hesitaria um momento? Eu julgo que não.

PROCTOR

Não consinto que me julgue mais, Elizabeth. Tenho muito boas razões para ponderar antes de acusar Abigail e vou ponderar. Eu já a esqueci e...

ELIZABETH

E a mim.

PROCTOR

Mulher. Não posso suportar mais as tuas suspeitas Você não sabe esquecer, não sabe perdoar. Aprende a caridade, mulher. Desde que ela se foi, há sete meses que não posso dizer palavra sem que você duvide. A todo o instante sou julgado, entrar na minha própria casa é como entrar num tribunal!

ELIZABETH

Não sou eu quem o julga, John. Se algum juiz existe, está escondido no teu coração e é ele quem te julga.

PROCTOR

(*Rindo amargamente*)

Elizabeth, a tua justiça é gelada como um rio, de inverno!

(Entra Mary Warren. Ao vê-la, vai direito a ela e agarra-a pelo capote, cheio de cólera).

Então o que vem a ser isto de ir a Salém quando eu proibi?

MARY WARREN

Estive no julgamento o dia inteiro, senhor Proctor e não estou passando bem!

PROCTOR

E o julgamento do serviço da casa, quem faz? Eu te pago nove libras para cuidar da minha casa e além disso a minha mulher anda doente!

(Como para compensar a sua falta, Mary Warren dirige-se a Elizabeth e estende-lhe uma pequena boneca de trapos).

MARY WARREN

Fiz para a senhora enquanto estive sentada naquele tribunal, o dia inteiro.

ELIZABETH

(*Olhando para a boneca*)

Oh, muito obrigada, Mary, é uma linda boneca.

MARY WARREN

(*Com a voz a tremer, de enfraquecida*)

Neste momento temos todos que nos amar muito, senhora Proctor.

ELIZABETH

(*Admirada com os estranhos propósitos da rapariga*)

É claro que temos.

MARY WARREN

Amanhã levanto cedo para arrumar a casa. Agora vou dormir. Estou com tanto sono!

(*Vai sair)*.

PROCTOR

Mary?

(*Ela para*).

É verdade que há quatro mulheres presas?

MARY WARREN

Não, senhor. Agora são trinta e nove...

(De repente, Mary esmorece e senta-se nos degraus a soluçar, exausta).

ELIZABETH

O que você tem, menina? Por que está chorando?

MARY WARREN

A senhora Osburn... vai ser enforcada!

(Há uma pausa enquanto soluça: John e a mulher ficam impressionados.)

PROCTOR

Enforcada!? E o Delegado do Governador permite uma coisa dessas?

MARY WARREN

Foi ele que a condenou à forca. Não podia fazer outra coisa. Mas Sara Good não. Sara Good confessou tudo.

PROCTOR

Confessou tudo o que?

MARY WARREN

Confessou que (*Com um estremecimento de horror*) fez um pacto com Lúcifer, e assinou o nome dela, com sangue, no livro negro do Diabo, e comprometeu-se com ele a atormentar os cristãos até o dia em que Deus for destronado – e nós formos obrigados a adorar o Demônio por todos os séculos dos séculos.

PROCTOR

Mas... Você não sabe que ela é uma contadora de casos? Não disse isso ao juiz? Ela adora inventar histórias

MARY WARREN

Senhor Proctor, ela mandou o espírito dela para cima de nós. Quando ela apareceu eu disse para mim mesma: "Eu não posso acusar esta mulher, a desgraçada dorme nas valetas e é tão velha e tão pobre". Mas de repente – com ela ali à minha frente negando, negando, eu comecei a sentir um frio pelas costas e uma coisa a apertar-me o pescoço que nem podia respirar; e então (*Iluminada*) comecei a ouvir uma voz a gritar, a minha voz e, de repente, me lembrei de tudo o que aquela velha tinha me feito!

(Durante essa fala, acende-se luz do tribunal e vemos Sara Good, gesticulando que não, não e não.)

PROCTOR

E o que é que ela te fez, menina? Você nunca falou disso antes?

MARY WARREN

Muitas vezes ela batia na porta pedindo pão e sempre que eu a mandava embora de mãos abanando, ela desatava a resmungar! Teve um dia, acho que foi uma segunda-feira... Logo depois que ela se foi eu até pensei que os meus intestinos iam rebentar durante dois dias. Não se lembra?

ELIZABETH

Sim... mas... e daí?

MARY WARREN

Eu contei tudo ao juiz Hathorne e ele então perguntou-lhe:

FLASHBACK 1

Tribunal

JUIZ HATHORNE

“Ouça, senhora Good, que praga é que a senhora rogava que esta menina caía doente assim que a senhora virava as costas?”

SARA GOOD

Eu, excelência, eu não rogava praga nenhuma! Eu apenas dizia os meus mandamentozinhos. Acho que posso dizer os meus mandamentos, não posso?

JUIZ HATHORNE

Sara Good, é capaz então de me recitar os mandamentos?”

SARA GOOD

Bem... claro que sou. É... Primeiro: É ... quer dizer... Senhor, eu nunca pude entrar na igreja por que... lhe pra mim, senhor? Acha que posso me sentar ao lado dessa gente, na Igreja? Não vou a igreja e não sei os mandamentos, senhor, pra dizer bem a verdade nem sei a diferença entre céu e inferno. Quem vive numa vala, senhor, enlameada e faminta, já não está no inferno, senhor? Que lugar pode ser pior do que esse?

VOLTA À CENA ANTERIOR

PROCTOR

E condenaram-na então só por causa disso?

MARY WARREN

E o que podiam eles fazer se ela se condenou a si própria?!

PROCTOR

Mas provas, provas!

MARY WARREN

(*Com maior impaciência*)

Já lhe falei na prova! Ela não sabia os mandamentos! Quer maior prova? É uma prova sólida na opinião do juiz!

PROCTOR

(*Depois duma pausa*)

Mary Warren, você não torna a por os pés nesse tribunal.

MARY WARREN

Lamento muito, senhor Proctor, mas agora tenho que ir todos os dias. Me admira muito ver que o senhor não compreende a importância do trabalho que nós estamos realizando.

PROCTOR

Lindo trabalho esse! Uma mocinha cristã mandando velhotas para a forca!

MARY WARREN

Mas se elas confessarem não chegam a ser enforcadas. Não vê isso, senhor Proctor? Sara Good, por exemplo, vai ficar apenas uns tempos na cadeia. O Demônio anda à solta em Salém, senhor Proctor. É nosso dever descobrir onde ele se esconde!

PROCTOR

Eu te arranco o Demônio, mas há de ser a chicote.

(Ameaça-a com chicote)

MARY WARREN

(*Apontando para Elizabeth*)

Ainda hoje lhe salvei a vida!

(Silêncio. Proctor baixa o chicote).

ELIZABETH

(*Em voz baixa*)

Fui acusada?

MARY WARREN

(*A tremer*)

Não. Foi apenas mencionada. Mas eu afirmei que nunca tinha visto nada de errado com a senhora e, considerando que eu vivo nesta casa, retiraram a acusação.

ELIZABETH

Quem me acusou?

MARY WARREN

A lei não me permite dizer quem foi. Quatro juízes e o delegado estiveram jantando conosco há pouco menos de uma hora. O que está pensando, Sr. Proctor? Eu... quero que me fale com delicadeza de hoje em diante.

PROCTOR

(*Entre os dentes, cheio de horror e repugnância*)

Já para a cama!

MARY WARREN

(*Batendo o pé*)

Não tem nada que me mandar para a cama, senhor Proctor! Já tenho dezoito anos, já sou uma mulher, apesar de ser solteira! Vou para a cama, porque eu quero!

(*Sai)*

ELIZABETH

(*Baixinho*)

Oh, a corda, já sinto a corda à volta do pescoço! Ela quer a minha morte. Eu sabia... Tive um pressentimento durante toda a semana!

PROCTOR

(*Sem convicção*)

Eles retiraram a acusação. Você não ouviu o que Mary disse?

ELIZABETH

Mas amanhã? Ela põe-se aos gritos até eles me prenderem!

PROCTOR

Não fica com medo. Eu vou falar com Ezequiel Cheever. Vou contar o que Abigail me disse. Ela disse que era uma brincadeira, não lembra?

ELIZABETH

Havia milhares de outros nomes: por que mencionou o meu? Eu não sou a Sara Good que dorme nas valetas, nem a Osburn, bêbeda e meio tonta. Ela não se atreveria a mencionar o nome da esposa dum lavrador respeitável se não tivesse interesse pessoal nisso. Ela pretende vir tomar o meu lugar, John. Ela quer me matar, John!

PROCTOR

Ela não pode pensar em tal coisa. Nunca lhe prometi nada

ELIZABETH

Há sempre uma promessa no leito do adultério.

PROCTOR

A promessa que o garanhão faz à égua, foi a promessa que fiz a essa ...

ELIZABETH

(Pausa)

Fala com ela. Quebra de uma vez qualquer promessa que ela imagina ter sido feita, John. Diz que ela não passa duma prostituta.

PROCTOR

Mulher, você me acha assim tão vil?

ELIZABETH

(*Gritando*)

Ela ainda te tem em seu poder, John Proctor!

(De repente aparece o Reverendo Hale no limiar da porta... É agora uma pessoa diferente, um tanto curvado, e existe nas suas maneiras uma espécie de deferência, de sentimento de culpa mesmo.)

HALE

Boa noite.

PROCTOR

(*Ainda surpreendido*)

Reverendo Hale! Boa noite. Entre, entre.

HALE

(*Para Elizabeth*)

Espero não a ter surpreendido, minha senhora.

ELIZABETH

Não, não... é que não ouvi o barulho do cavalo...

HALE

É a senhora Proctor, não é verdade?

PROCTOR

Não quer se sentar?

HALE

Obrigado.

(*Senta-se*).

Por que não se senta também, senhora Proctor?

(*Ela senta, com os olhos nele.)*

Não vou demorar vim apenas tratar de um assunto...

PROCTOR

Assunto... Do Tribunal?

HALE

Não.. Não.. Estou aqui por iniciativa própria, não venho revestido da autoridade do Tribunal. Não sei se o senhor já sabe, mas o nome da sua esposa... foi mencionado hoje no julgamento.

PROCTOR

Já sabíamos, Reverendo. Nossa criada, Mary Warren, nos contou Estamos muito admirados.

HALE

Eu sou um estranho em Salém, não conheço as pessoas e por isso não tenho

Como formar uma opinião exata... Assim, não tenho feito outra coisa senão andar de casa em casa. Venho agora mesmo da casa de Rebeca Nurse e...

ELIZABETH

(*Escandalizada*)

O que? Rebeca também foi acusada?

HALE

Deus não consentiria que acusassem uma mulher como ela. Ela foi no entanto... mencionada algumas vezes.

ELIZABETH

(Irônica)

O senhor não acredita, que Rebeca Nurse tem parte com o Diabo?

HALE

Já foram produzidas demasiadas provas da existência do diabo nesta paróquia para podermos negar. Concorda comigo, senhor Proctor? Mas, Rebeca não foi acusada e estou certo de que nunca será.

(*Pausa*).

Era minha intenção, senhor Proctor, fazer algumas perguntas sobre o comportamento cristão desta casa, se assim me permitir.

PROCTOR

(*Friamente, com ressentimento*)

Por que não, Reverendo? Nós não temos medo de perguntas.

HALE

Ainda bem, ainda bem.

(*Dir-se-ia que ficou mais à vontade*).

No livro de presenças, que o Reverendo Parris conserva preciosamente, verifiquei que o meu amigo raras vezes assiste à missa em dias de Sabat.

PROCTOR

Nunca imaginei que um dia tivesse que prestar contas a esse indivíduo das minhas idas à igreja A minha mulher tem passado muito mal este inverno. Tenho feito as minhas orações aqui mesmo, em casa.

HALE

Sua casa não é nenhuma igreja, que eu saiba. A sua teologia deve ensinar-lhe isso, suponho.

PROCTOR

Quando construímos a nossa igreja havia castiçais de estanho no altar. Mas quando esse senhor Parris, para mal dos pecados, subiu ao nosso púlpito, não fez outra pregação que: castiçais de ouro, castiçais de ouro, até consegui-los. Eu não sei nada, Reverendo Hale, mas quando vejo o meu rico dinheiro a cintilar atrás dos braços abertos do Reverendo Parris... me dá uma gana! E as palavras da oração não saem. Não vejo a luz de Deus nesse indivíduo...

HALE

Esse indivíduo, como o senhor diz, foi ordenado; por consequência, existe nele a luz de Deus.

ELIZABETH

Talvez tenhamos sido um tanto duros e injustos com o senhor Parris.

HALE

Elizabeth, Proctor, sabe os mandamentos?

ELIZABETH

(*Sem hesitação, com ansiedade mesmo*)

Naturalmente.

HALE

E o senhor?

PROCTOR

(*Hesita ligeiramente*)

Eu... julgo que sim, Reverendo.

HALE

Façam o favor de recitá-los.

PROCTOR

(*Visivelmente aflito, olha para todos os lados, começa a suar*)

Não matar.

HALE

Muito bem.

PROCTOR

(*Contando pelos dedos*)

Não cobiçar os bens do próximo. Não jurar o Santo Nome de Deus em vão. Amar a Deus sobre todas as coisas.

(*Com alguma hesitação*).

Guardar o dia do Sabat para adorar a Deus devotamente.

(*Um silêncio. Depois*).

Honrar pai e mãe. Não levantar falsos testemunhos.

(*Dá pela falta dum. Fica espantado. Conta os dedos de trás para diante e de diante para trás*).

Não jurar o Santo Nome de Deus em vão.

HALE

Já disse esse duas vezes, Proctor.

PROCTOR

(*Perdido*)

Ah, já?

(Faz esforços para se recordar.)

ELIZABETH

(*Delicadamente*)

O adultério, John.

PROCTOR

É verdade. Como vê Reverendo, a dois sabemos todos. Nesta casa não adoramos Satanás, Reverendo. Está numa casa cristã.

HALE

Oxalá, sinceramente. Bem... então... Boa noite.

(*Vai a sair)*.

ELIZABETH

(*Desespero na voz*)

Você tem que lhe dizer tudo, John.

HALE

Tudo o que?

PROCTOR

(*Com dificuldade*)

Eu... Não tenho testemunhas para o que vou dizer, só posso dar a minha palavra de honra. Mas eu sei que a doença das garotas não tem nada a ver com a feitiçaria.

HALE

(*Detém-se, impressionado*)

Nada a ver?...

PROCTOR

O Reverendo Parris as viu dançando na floresta. Ficaram tão assustadas que adoeceram. Nervos. Eis todo o mistério.

HALE

E quem lhe disse isso?

PROCTOR

(*Hesita antes de responder*)

Abigail Williams.

HALE

(*Desconfiado*)

Por que razão então o senhor não revelou isso há mais tempo?

PROCTOR

Só hoje à noite é que soube que anda tudo doido por causa desse disparate.

HALE

Disparate! Mais devagar, senhor Proctor! Eu próprio interroguei Tituba, Sara Good e muitas outras, que confessaram a sua ligação com o Demônio. Repare: *confessaram*.

PROCTOR

E por que não? Se negassem seriam enforcadas. Muitas jurariam o que quer que fosse para salvar a pele. Nunca pensou nisto?

HALE

Na verdade, pensei. E o senhor... É capaz de testemunhar isso em Tribunal?

PROCTOR

O que me pergunto é se um tribunal desses acreditará na minha história. Quando um sacerdote tão culto e inteligente como o senhor suspeita duma mulher que nunca mentiu na vida! Que é incapaz de mentir! Não sou ingênuo.

(Giles Corey aparece no limiar da porta.)

GILES

John! Levaram a minha mulher!

(Entra Francis Nurse.)

FRANCIS

E minha mãe também!

PROCTOR

(*Para Francis*)

O que?! Rebeca está *presa*?!

FRANCIS

Está. Cheever veio buscá-la. Viemos agora mesmo da prisão. Os malvados nem sequer nos deixam vê-las.

ELIZABETH

Como vê, Reverendo Hale, esta gente anda toda fora de si!

FRANCIS

(*Dirigindo-se a Hale*)

Reverendo Hale! O senhor não podia ir falar com o Delegado do Governador? Tenho a certeza que ele está equivocado...

HALE

Por amor de Deus, acalme-se, filha!

FRANCIS

A minha mãe é o verdadeiro sustentáculo da nossa igreja, Reverendo Hale. Como pode uma mulher tão piedosa como minha mãe se transformar em serva do Diabo depois de sessenta anos de vida devotada a Deus

HALE

De que é que acusam a sua mãe, menina?

FRANCIS

Acusam-na de assassinato!

(*Cita, troçando, os termos da ordem de prisão*).

"Pelo prodigioso e sobrenatural assassinato das filhas de Ana e Tomás Putnam"! Que devo fazer, Reverendo Hale?

HALE

Se Rebeca Nurse está maculada, nada resta no mundo digno de escapar ao fogo purificador! Por tanto, confie na justiça do tribunal. O Tribunal vai mandá-la para casa, tenho a certeza.

FRANCIS

Ela vai ser julgada no Tribunal? Por ter ajudado nos partos da senhora Putnam, que é uma mulher fraca e doente e não consegue segurar as suas crias?

HALE

Embora os nossos corações sangrem, não podemos vacilar. O Demônio está vivo em Salém e não podemos hesitar em seguir todas as pistas que os dedos acusadores apontem!

PROCTOR

(*Furioso*)

Como é possível uma mulher como Rebeca assassinar crianças!?

FRANCIS

(*Indicando Giles*)

E Marta Corey, que mulher há em Salém que esteja mais perto de Deus do que ela?

GILES

Eu nunca disse que a minha mulher era feiticeira, Reverendo Hale: apenas disse que ela lia os seus livros! É proibido ler livros?

HALE

Senhor Corey, de que é que acusam exatamente a sua esposa?

GILES

É pura vingança. Pura vingança.

(Entra Ezequiel Cheever. Um silêncio apavorado.)

CHEEVER

Boa noite, Proctor. Boa noite, Reverendo Hale. Boa noite, a todos.

PROCTOR

Espero que não esteja aqui como enviado do Tribunal, senhor Cheever.

CHEEVER

Estou sim, Proctor. Agora sou o oficial de diligências do Tribunal.

GILES

É uma pena, Ezequiel, que um honesto alfaiate como você, que podia muito bem ir parar ao Céu, vá agora arder no Inferno como uma alma danada. Porque você há de esturricar no Inferno por causa desse novo emprego

CHEEVER

Tenho que obedecer às ordens que me dão.

(*Procura qualquer coisa dentro do casaco*).

Pode acreditar em mim, John Proctor, se a lei é pesada, eu tenho esta noite todo o peso dela sobre as minhas costas.

(*Tira do bolso um mandato de prisão*).

Tenho aqui um mandato de prisão contra a senhora Proctor.

HALE

Quando foi ela acusada?

CHEEVER

Entregaram-me esta noite dezesseis mandatos de prisão, Reverendo. O dela é um deles.

PROCTOR

(*Arrancando-lhe o mandato para o verificar*)

Quem a acusou?

ELIZABETH

(*Enquanto Proctor estende o mandato a Hale*)

Ainda o perguntas, John?

CHEEVER

Senhor Proctor, eu não tenho muito tempo, importa-se de me entregar todas as bonecas que a sua senhora tenha em casa?

ELIZABETH

Não tenho bonecas cá em casa. Desde garota que não tenho bonecas.

CHEEVER

(Vendo a boneca de Mary Warren)

Mas eu estou vendo uma boneca, senhora.

ELIZABETH

Oh!

(*Vai buscá-la*).

É a boneca de Mary Warren.

CHEEVER

(*Timidamente*)

Não se importa de me dar?

ELIZABETH

(A *Hale*)

O Tribunal agora também se entretém a julgar bonecas?

CHEEVER

(*Virando a boneca nas mãos*)

Bem, eles afirmam que uma boneca pode querer dizer que ela...

(*Neste momento, levanta a camisa da boneca e abre os olhos de espanto e terror*).

Santo Deus, uma agulha! Reverendo Hale, é uma agulha!

FRANCIS

E o que quer dizer agora a agulha? Fazemos bonecas com agulhas. Não há outra forma de costurar.

CHEEVER

(*Com as mãos tremendo*)

Bem, isto é muito mau para ela, Proctor vai haver desgraça...

(*Para Hale*).

Vê, Reverendo, vê, é uma agulha!

HALE

Muito bem. E o que isso quer dizer?

FLASHBACK 2

Casa do Reverendo Parris

CHEEVER

(Vai narrando no escuro enquanto a luz ilumina a cena narrada)

A menina... a Williams... a Abigail Williams... Ela estava jantando com o tio e a prima, quando, *(Abigail enterra uma agulha no ventre*) sem dizer nada caiu no chão, como um animal ferido e põe-se a gritar,

ABIGAIL

Socorro! Estão querendo matar-me. Vão me matar!

BETTY

(Acudindo-a)

Meu Deus! Pai! Aqui! Ela tem uma agulha espetada na barriga. Sangra muito.

(Puxa a agulha)

Pai, é uma agulha enorme! Quem te fez isso, Abby, quem foi?

ABIGAIL

O espírito de Elizabeth Proctor veio até mim. Eu a vi. E enterrou esta agulha na barriga. Foi ela. Foi ela! Ela disse ter uma boneca que sou eu. Nessa boneca tem uma agulha.

BETTY

Ela é bruxa! E ela quem está fazendo tudo isso. Eu também a vi. Eu também.

.

VOLTA A CENA ANTERIOR

PROCTOR

Foi ela própria! E a prima lhe dá cobertura. Deixem-se de histórias!

(*Para Hale*).

Espero que o senhor não considere isto uma prova, Reverendo Hale!

(Hale, realmente impressionado com a prova, cala-se.)

CHEEVER

E eu encontro aqui esta boneca com uma agulha enterrada. Digo-lhe a verdade, John Proctor, nunca esperei vir encontrar tamanha prova da presença do Inferno aqui em sua casa. Por isso o senhor faz o favor de não me por obstáculos porque eu...

PROCTOR

(Aos gritos)

Mary, Mary Warren, vem cá. Já!

(Entra Mary Warren.)

PROCTOR

Anda, Mary! Diz ao Reverendo como é que essa boneca veio parar aqui.

MARY WARREN

(*Evasiva, olhando para a boneca*)

Bem... parece que é a minha.

PROCTOR

E como é que ela veio parar aqui em casa?

MARY WARREN

(*Com medo*)

Bem, eu fiz essa boneca no Tribunal, para a senhora Proctor

PROCTOR

(*Para Hale*)

Ouviu bem agora, Reverendo?

HALE

Mary Warren, encontramos uma agulha espetada nessa boneca.

MARY WARREN

(*Espantada*)

Devo tê-la esquecido ali quando terminei a boneca.

FRANCIS

Não disse? E apenas a agulha que ela usava para fazer a boneca.

HALE

(*Observando atentamente Mary Warren*)

Você tem certeza? Não tem ninguém lhe dando ordens, por magia, para dizer isso neste momento?

MARY WARREN

Que ideia, senhor. Sou eu, inteiramente eu, quem está falando. Pergunte à Susana Walcott: ela me viu costurando no Tribunal. Ou melhor ainda: pergunte a Abby. Abby estava sentada ao meu lado quando fiz a boneca.

PROCTOR

(*Para Hale, referindo-se a Cheever*)

Mande-o embora, Reverendo. Um ministro de Deus não pode ser cúmplice desta fraude. Mande-o embora, Reverendo.

HALE

Mary, você acusa Abigail dum homicídio monstruoso, friamente premeditado.

MARY WARREN

Homicídio? Eu não acuso de nada...

ELIZABETH

(*Com a respiração presa*)

Essa Abigail é uma assassina! Ela merecia ser feita em postas e atirada para fora deste mundo!

CHEEVER

(*Apontando para Elizabeth*)

Ouviu, o que ela disse, Reverendo?

PROCTOR

(*Arrancando num rompante o mandato das mão de Cheever*)

Fora daqui!

HALE

Proctor, por amor de Deus, Proctor! Escute-me!

PROCTOR

E o senhor vá com eles! O senhor não é um ministro de Deus!

HALE

Proctor, tenha confiança na justiça. Se ela está inocente o Tribunal decerto...

PROCTOR

Se *ela* está inocente! Por que é que o senhor não se preocupa também em saber se Parris está inocente, se Abigail está inocente? Então só as vítimas é que não são inocentes? Então agora os acusadores são sempre sagrados? A vingança mais reles tem agora o valor de lei! Este mandato cheira a vingança! Eu não entrego a minha mulher às mãos duma vingança!

ELIZABETH

Eu vou, John...

PROCTOR

Não! Não vais!

EZEQUIEL

Tenho nove homens lá fora. A lei me obriga John.

ELIZABETH

John... tenho que ir com eles. Mary, há pão suficiente para esta manhã; põe o pão no forno à tarde. Trata do senhor Proctor como se fosse filha dele. Quando as crianças acordarem não lhes fale em feitiçarias. Assustam-se...

FRANCIS

Eu faço companhia à Mary, senhora.

PROCTOR

Hei de cair sobre esse Tribunal como um flagelo!

Não tenha medo, Elizabeth! Eu te trago de volta pra casa. Eu juro!

(Ela ai com Cheever atrás. Mary Warren senta-se a chorar)

GILES

(Para Hale)

Eh, pastor! Continua mudo como uma rocha?! Isto é um erro monstruoso, é uma fraude descarada e o senhor sabe bem isso! O que é que o impede de gritar a verdade, homem de Deus?

HALE

Caridade, Proctor, caridade. Tudo o que eu ouvi em favor dela não hesitarei em ir depor perante o Tribunal. Não posso julgá-la culpada nem inocente. Mas seja o que for, siga o meu conselho: seja prudente. O senhor não lucra nada em afirmar que tudo isto não passa da vingança duma mocinha.

(Vai saindo)

PROCTOR

O senhor é um covarde!

GILES

(*Abalado*)

John... Diz pra mim: estamos perdidos?

FRANCIS

Não deixe que as enforquem, Senhor Proctor, pelo amor de Deus.

PROCTOR

Sua mãe é uma boa mulher. Eles não podem ter enlouquecido desse jeito.

(Francis e Giles saem)

PROCTOR

Você vai comigo ao Tribunal, Mary.

MARY WARREN

Eu não posso acusar Abigail de assassinato.

PROCTOR

Você vai dizer ao Tribunal como aquela maldita boneca vaio parar aqui e quem foi que lhe espetou a agulha na barriga.

MARY WARREN

Ela me mata se eu disser isso! A Abigail é capaz de acusar o senhor de luxúria, senhor Proctor!

PROCTOR

Que acuse. E era uma vez a sua santidade. A minha mulher não pode morrer por mim! Nem que te arranque as entranhas pela boca mas a minha mulher não morrerá por minha causa.

MARY WARREN

(*Lutando para se libertar dele*)

Não posso! Não posso!

PROCTOR

Você vai fazer isso! Vai fazer! Não vê que neste momento o Céu e o Inferno lutam nas nossas costas no coração de cada um

MARY WARREN

(Chorando)

Não posso, não posso

PROCTOR

(Para si, olhos fixos na porta aberta).

Nós somos afinal o que sempre fomos. Simplesmente, agora estamos nus. E o vento gelado de Deus, vai soprar!

(Atenção: ver quando ele manda evacuar a sala, se tudo acontece na frente de todos ou não. O que fazer com um ou dois guardas necessários.)

CENA 5

Tribunal

(Bancos e púlpito para o Juiz Hathorne) Foco de luz apenas em Marta Corey

MARTA

Já vai para quatro ou cinco anos que Walcott, esse mulato duma figa me comprou um porco mas o desgraçado do bicho morreu logo depois. O fulaninho veio todo lampeiro exigir que eu lhe devolvesse o dinheiro. Eu não sou tonta e disse a ele: "Meu caro Walcott, se você não sabe alimentar convenientemente um porco, garanto-lhe que não vai ter muitos, pela vida afora". Agora esse maldito vem ao Tribunal dizer que desde esse dia nunca mais conseguiu ter um porco vivo mais do que quatro semanas e que sou eu que os enfeitiço com os livros que leio?!

(A luz abre em resistência e se vê o juiz e os demais. Todos deverão estar lá)

JUIZ HATHORNE

Como vê, Marta Corey, o Tribunal possui provas contra a senhora. Ainda nega?

MARTA COREY

Não sou bruxa. Estou inocente. Nem sei o que é uma bruxa.

HATHORNE

Como sabe, então, que não é bruxa?

MARTA COREY

Se o fosse, saberia...

JUIZ HATHORNE

Por que razão faz estas crianças sofrerem?

MARTA COREY

Não as faço sofrer. Rio-me delas.

GILES

(*Entra aos berros*)

Trago provas ao Tribunal!

(Levantam-se vozes excitadas de povo.)

JUIZ HATHORNE

Silêncio!!!

GILES

Tomás Putnam o que quer é mais terras.

(Cresce o alarido entre o povo.)

ANA PUTNAM

(Sob um foco de luz)

Mande prender esse homem, Excelência!

GILES

Tenho provas!

HALE

(Leva Giles para sentar-se)

Pelo amor de Deus, senhor Corey, acalme-se um pouco. Não é hora de apresentar provas. Espere.

GILES

Esperar o que? Que eles enforquem a minha mulher?

JUIZ HATHORNE

Como é que o senhor se atreve a berrar dessa maneira em pleno tribunal? Está maluco ou quê, Corey?

GILES

É a minha mulher que os senhores estão em vias de condenar. Essa gente só tem dito calúnias a respeito de minha mulher, senhor. Eu...Excelência, nós não queremos ofender o Tribunal...

JUIZ HATHORNE

Ofender é dizer muito pouco. Isto é uma autêntica subversão, senhor! O senhor não sabe que este Tribunal é a mais alta jurisdição desta província?

GILES

(*Começando a chorar*)

Excelência eu apenas disse que ela tinha a mania dos livros e só por isso vieram arrancá-la de minha casa, senhor...

JUIZ HATHORNE

Livros! Mas que livros?

HALE

(*Vivamente*)

Excelência, este homem pretende possuir provas concludentes da inocência da mulher. Penso que em nome da justiça se deve...

JUIZ HATHORNE

Muito bem. Ele que apresente essas provas ao Tribunal pelas competentes vias legais. O senhor está decerto ao corrente dos trâmites do processo, Reverendo Hale, Este Tribunal entra em recesso. Evacuem a sala.

(Francis e Giles ameaçam sair mas não saem)

FRANCIS

Estamos desesperados, senhor. Já há três dias que a gente vem aqui e ainda não conseguimos falar. Queremos ajudar. Tenho provas da inocência de minha mãe.

JUIZ HATHORNE

Muito me admira vê-la no meio deste tumulto, menina... Tenho excelentes informações sobre o caráter de seus pais e o seu. Aliás, porque você não está com as outras jovens?

FRANCIS

Nada tenho a ver com essas loucuras. Eu fui criada aprendendo a dizer a verdade. Só a verdade...

JUIZ HATHORNE

Escreva as suas alegações e no devido tempo eu prometo-lhe...

FRANCIS

Excelência, nós temos provas que não pode deixar de ver. Deus não permitirá que fique de olhos fechados. Essas meninas, em quem o Tribunal está depositando tanta confiança, não passam de mentirosas.

JUIZ HATHORNE

Que quer dizer, minha filha?

FRANCIS

Temos provas, senhor. Todas elas mentem.

(*Hathorne ficou impressionado*).

Sabe quem eu sou, menina?

FRANCIS

Sei muito bem, senhor, e penso que para estar onde está, Vossa Excelência é com certeza um magistrado justo. Excelência, nunca pensei ter a ousadia de dizer isto a tão poderoso juiz, mas andam enganando o senhor

(Entram John Proctor e Mary Warren. Mary caminha com os olhos no chão. Proctor ampara-a pelo cotovelo como se ela estivesse à beira do desmaio seguidos de Ana Putnam e do Reverendo Parris)

ANA PUTNAM

Mary Warren! O que você está fazendo aqui?

PROCTOR

Ela quer falar com o Juiz Hathorne.

GILES

Durante a semana toda, ela lutou com a sua alma, Excelência. Mary Warren vem aqui hoje dizer-vos a verdade.

ANA PUTNAM

Desconfie deste homem. Este Proctor é um homem do mal.

JUIZ HATHORNE

Que deseja dizer, Mary Warren?

(*Mary não consegue falar)*.

PROCTOR

Ela nunca viu espíritos, senhor.

JUIZ HATHORNE

(*Alarmado e surpreendido, para Mary*)

Nunca viu espíritos!

GILES

(*Vivamente*)

Nunca.

PROCTOR

(*Procurando no bolso*)

Ela assinou um depoimento, senhor...

JUIZ HATHORNE

Não, não. Não aceito depoimentos. O senhor sabe, senhor Proctor, que a nossa convicção é que a voz de Deus fala pela boca destas crianças?

PROCTOR

Sei sim, senhor.

JUIZ HATHORNE

(*Para Mary*)

E você, Mary Warren, por que razão acusou tantas pessoas?

MARY WARREN

Era mentira, senhor.

JUIZ HATHORNE

Não te ouço bem.

PROCTOR

Ela diz que era mentira.

JUIZ HATHORNE

Ah, sim? E as outras meninas? Também mentiam?

MARY WARREN

Também, senhor.

REVERENDO PARRIS

(*Suando*)

Excelência, o senhor não vai decerto deixar que mentira tão vil se espalhe entre os membros deste Tribunal!

JUIZ HATHORNE

Estou impressionado desta menina ter ousado vir aqui contar semelhante história. Agora, senhor Proctor devo dizer-lhe o seguinte: Compreendo que a ternura de um esposo possa levá-lo a extravagâncias na defesa de sua mulher. Em sã consciência, senhor Proctor, as suas declarações correspondem à verdade?

PROCTOR

Correspondem. Como o senhor vai ter certamente a ocasião de verificar.

ANA PUTNAM

Cuidado excelência, ele quer desmoralizar o Tribunal. O Senhor Cheever me contou que quando foi prender a mulher dele, ele insultou o Tribunal e rasgou o mandato de prisão.

PROCTOR

Não sabia o que fazia, senhor. Estava desesperado.

JUIZ HATHORNE

O senhor é bom cristão, senhor Proctor?

PROCTOR

Sou sim, senhor!

PARRIS

Tão bom cristão que só vai à missa uma vez por mês!

JUIZ HATHORNE

(*Com curiosidade – mas refreando-se*)

Não vai a missa?

PROCTOR

Eu... eu não morro de amores pelo Reverendo Parris. Não é nenhum segredo. Mas amo a Deus sobre todas as coisas.

ANA PUTNAM

Ele trabalha aos domingos, senhor.

PROCTOR

É verdade. Tenho lavrado a minha terra aos domingos. Tenho três filhos, senhor, e no ano passado a minha terra pouco ou nada rendeu.

GILES

Há muitos cristãos que trabalham ao domingo, se estão interessados em saber.

HALE

Excelência, penso que não é possível julgar um homem por essa razão.

PROCTOR

Excelência, não o impressiona o fato de a maior parte das mulheres que hoje são condenadas terem vivido toda a sua vida com uma reputação sem mácula?

FRANCIS

Senhor, Essas meninas estão dizendo que, minha mãe Rebeca Nurse, assassinou sete crianças mandando o seu espírito contra elas. E uma delas, Mary Warren pode jurar que mentiu. As outras não estão mentindo também?

HATHORNE

Senhor Proctor, a sua mulher esta manhã fez chegar às minhas mãos uma súplica em que afirma estar grávida.

PROCTOR

A minha mulher grávida!

HATHORNE

Se eu lhe garantisse que ela poderia viver até dar à luz, o que me responderia?

(*Ele fica em silencio*).

Vamos, senhor Proctor. O senhor diz que seu único propósito é o de salvar a sua esposa. Só depende do senhor salvá-la pelo menos por um ano e um ano é muito tempo, senhor Proctor. Que diz a isto?

(*Hesitante, Proctor olha para Francis e Giles*).

Retira a sua acusação?

PROCTOR

Eu... não posso.

JUIZ HATHORNE

(*Há agora uma quase imperceptível dureza na sua voz*)

O seu objetivo portanto é mais ambicioso do que o senhor diz.

PARRIS

Ele veio subverter o Tribunal, Excelência! É isso!

PROCTOR

Estes homens são meus amigos. As mulheres deles também foram acusadas...

JUIZ HATHORNE

(*Com uma súbita vivacidade de maneiras*)

O senhor é que sabe. Vou ouvi-lo antes de retomar as audiências. Peço-lhe que seja claro, franco e honesto.

PROCTOR

(*Tirando folhas de papel do bolso*)

Eu não sou advogado. Por isso pensei...

HATHORNE

Os corações puros não têm necessidade de advogado.

PROCTOR

(*Estendendo um papel a Hathorne*)

Antes de mais nada, importa-se de ler este papel, senhor? É uma espécie de atestado. As

pessoas que o assinam atestam aí a sua boa opinião de Rebeca Nurse, Marta Corey e minha mulher.

(Hathorne olha para o papel.)

ANA PUTNAM

(*Para provocar o sarcasmo de Hathorne*)

A sua boa opinião!

(Mas Hathorne continua a leitura e Proctor ganha coragem.)

PROCTOR

São todos agricultores e membros da nossa igreja. Como pode observar, senhor, são pessoas que conhecem estas três mulheres há muitíssimos anos e nunca observaram quaisquer sinais que lhes permitissem acreditar que elas eram possuídas pelo Demônio.

(Parris, muito nervoso, vai ler por cima do ombro de Hathorne.)

HATHORNE

(*Percorrendo com os olhos a longa lista*)

Quantos nomes há nesta lista?

FRANCIS

Noventa e um, Excelência.

PARRIS

(*Suando*)

Esta gente devia ser citada!

(*Hathorne olha para ele interrogadoramente*).

Para ser interrogada!

FRANCIS

Juiz Hathorne, nós demos a todos a nossa palavra de honra que não arriscavam nada ao assinar este papel.

PARRIS

Isto é um ataque aberto contra o Tribunal!

HALE

(*Para Parris, tentando conter-se*)

Então toda a defesa é um ataque contra o Tribunal? Cada um não é livre?

JUIZ HATHORNE

Vou mandar preparar mandatos de captura para todos esses indivíduos. Detenção para investigação.

(*Para Proctor*).

Tem mais informações a dar-nos, senhor?

FRANCIS

Nós desgraçamos essa gente.

JUIZ HATHORNE

Vocês têm que compreender que quem não está com o Tribunal, está contra ele

(*Mary Warren, põe-se a soluçar*).

Esta moça não está bem, parece-me.

PROCTOR

Não está não, senhor. Não chora, Mary. Lembre-se do que o anjo Rafael disse a Tobias: "Faz o bem e nenhum mal te alcançará".

MARY WARREN

(*Mais calma*)

Sim, senhor.

JUIZ HATHORNE

Vamos, homem, estamos à sua espera. Comece.

GILES

John, o meu depoimento, entrega-lhe o meu depoimento.

PROCTOR

Está bem.

(*Estende outro papel*).

Este é o depoimento de Giles Corey.

JUIZ HATHORNE

(Lendo).

Está muito bem redigido. As minhas felicitações. Senhora Ana Putnam, tenho aqui uma grave acusação de Giles Corey contra seu marido. Como ele não está, espero que a senhora o represente. Ele alega que o seu marido deu ordem a sua filha para acusar de feitiçaria o cidadão George Jacobs, que se encontra agora preso.

ANA PUTNAM

Isso é uma calúnia! Minha pobre Rute!

GILES

(*Furioso, com punhos cerrados*)

A senhora mente com todos os dentes que tem na boca! Olha aqui a prova!

(*Mostrando o papel*).

Se George Jacobs for enforcado por feitiçaria confiscam-lhe as terras: é a lei! Ora, Putnam é a única pessoa cá da aldeia com dinheiro bastante para comprar uma propriedade tão grande. Este homem anda matando os vizinhos para ficar com suas terras.

JUIZ HATHORNE

Mas provas, senhor, mais provas!

GILES

(*Apontando para o seu depoimento*)

Um homem a ouviu da boca de Putnam! No dia em que a filha denunciou Jacobs, ele disse, na presença desse homem, que a filha acabava de lhe fazer presente dum belo naco de terra.

HATHORNE

O nome desse homem?

GILES

(*Embaraçado*)

O nome?

HATHORNE

Sim, o nome do homem que lhe deu essa informação.

GILES

(*Hesita antes de dizer*)

Eu... Eu não posso dizê-lo.

HATHORNE

E por que não?

GILES

(*Hesita, antes de explodir*)

Vão metê-lo na cadeia se eu lhes disser o nome! Um dia, diante deste Reverendo delator, caí na asneira de pronunciar o nome de minha mulher. Hei - de ir arder no Inferno por essa imprudência. Não! Não digo nome nenhum!

JUIZ HATHORNE

Nesse caso, não tenho outra alternativa senão mandar prendê-lo por insulto ao Tribunal. O senhor conhece a lei, não é verdade?

GILES

Não estamos em audiência de julgamento, senhor. Não pode mandar prender-me por ofensa ao Tribunal numa mera audiência de testemunhas.

JUIZ HATHORNE

Oh! O senhor é um jurista acabado! Um verdadeiro homem de leis. O senhor deseja que eu declare imediatamente o Tribunal em sessão? Ou prefere responder-me convenientemente?

GILES

(*Gaguejando*)

Não posso dizer o nome, senhor, não posso!

JUIZ HATHORNE

O senhor não passa dum velho idiota! Reverendo Parris, faça o favor de tomar nota: O Tribunal entrou neste momento em sessão. Senhor Corey, se o seu informante disse a verdade que venha dizê-la abertamente como um homem de bem. Se não... o governo e a igreja ordenam que o senhor diga o nome desse indivíduo

HALE

Excelência...Já não podemos fechar os olhos. Um medo prodigioso deste Tribunal percorre a província...

HATHORNE

Nenhum homem incorrupto tem razão para temer, Reverendo Hale! Nenhum!

(*Para Giles*).

O senhor está preso por insulto a este Tribunal. Agora sente e reflita. Se não, vai já direto para a prisão até se decidir a responder a todas as perguntas que lhe façam!

(*Giles Corey faz menção de atacar Ana Putnam. Proctor acorre e segura-o*.)

Se a senhora não fosse mulher! Ah, onde está o pulha do seu marido que se esconde embaixo dessas saias? Onde está?

GILES

Ainda vou cortar a garganta daquele velhaco. Ainda hei de matá-lo!

PROCTOR

(*Obrigando-o a sentar-se*)

Calma, Giles, calma. Nós vamos provar o que dizemos. Garanto.

GILES

Não lhe diga mais nada, John.

(*Apontando para Hathorne*).

Ele está zombando de nós! O que ele quer é enforcar-nos a todos!

(Mary Warren desata a soluçar.)

JUIZ HATHORNE

Não se esqueça que está num Tribunal, senhor! Não tolero tais desacatos!

PROCTOR

Perdoe-lhe, senhor, é um velho. Calma, Giles, agora vamos provar tudo.

(*Levanta o queixo de Mary*).

Não deve chorar, Mary

(*Mary fica calma, Proctor tira outro papel do bolso e estende-o a Hathorne*).

Aqui está o depoimento de Mary Warren. Eu... Eu permito-me recordar-lhe, senhor, que há duas semanas Mary Warren em nada diferia das outras meninas que continuam a ser auxiliares deste Tribunal. Vossa Excelência sabe melhor do que eu. Ela gritava, jurava que em pleno Tribunal vinham espíritos familiares sufocá-la.

JUIZ HATHORNE

Sabemos tudo isso.

PROCTOR

Pois ela agora jura que nunca viu Satanás nem qualquer espírito do mal e que as suas amigas também mentem.

(Entrega o depoimento a Hathorne)

HALE

Excelência, um momento. Em toda a justiça uma reclamação tão poderosa não pode ser feita por um simples agricultor. Por amor de Deus, interrompa a audiência quanto antes. Mande que ele volte acompanhado de advogado...

JUIZ HATHORNE

O senhor hoje me parece muito confuso. Eu sou advogado há trinta e dois anos e se alguma destas pessoas me viesse pedir para defende-la, eu recusaria. Num crime ordinário recorre-se a testemunhas para provar a inocência do acusado. Mas a feitiçaria é um crime invisível. Por consequência, quem pode ser testemunha dum crime destes? Apenas a bruxa e a vítima. É evidente que não podemos esperar que a bruxa se acuse a si própria. Portanto, não temos outro remédio senão acreditar nas vítimas. Ora elas testemunham. Estas crianças testemunham livremente e, quanto às bruxas, ninguém nega que nós fazemos de tudo para obter as suas

confissões. Portanto, o que vinha aqui fazer um advogado?

HALE

Pode haver falsas vítimas e declarantes de má fé. Precisamente, Mary Warren vem afirmar que as meninas não são sinceras. E se for verdade?

HATHORNE

E é precisamente isso que eu estou tentando averiguar. Ah! O depoimento da menina, senhor Proctor*!*

(Começa a ler. Todos esperam ansiosos)

PARRIS

Eu queria fazer umas perguntinhas...

HATHORNE

(*É sua primeira explosão sincera, em que é visível o seu desprezo por Parris*)

Reverendo Parris, cale a boca! Vá buscar as crianças.

(Parris sai.)

Mary Warren, que significa esta reviravolta? O senhor Proctor ameaçou você?

MARY WARREN

Não, senhor.

HATHORNE

Alguma vez ele te fez ameaças?

MARY WARREN

(*Com a voz mais fraca*)

Não, senhor.

JUIZ HATHORNE

Nesse caso, você mentiu friamente diante deste Tribunal, sabendo que o seu testemunho podia provocar o enforcamento de muita gente?

(*Mary não responde*).

Responda menina!

MARY WARREN

(*Em voz quase inaudível*)

Menti, sim senhor.

JUIZ HATHORNE

Ou será que agora é que está mentindo, Mary Warren?

MARY WARREN

Não, senhor. Agora estou com Deus.

JUIZ HATHORNE

Agora está com Deus? Ou você está mentindo agora, ou mentiu antes e, tanto num caso como noutro, cometeu perjúrio e portanto tem que ir para a cadeia. Tu deves saber que não se pode mentir sem ser castigado. Não sabe, Mary?

MARY WARREN

Já não posso mentir mais. Deus está comigo, eu estou com Deus!

(Mas o que disse provoca-lhe as lágrimas e começa outra vez a soluçar.)

(Entram na sala Susana Walcott, Mercy Lewis, Betty Parris e Abigail Cheever)

PARRIS

Rute Putnam não está presente, senhor, nem as outras pequenas.

HATHORNE

Minhas filhas, a lei e a santa Bíblia amaldiçoam todos os caluniadores, todos os que levantam falsos testemunhos.

(*Outra pausa breve*).

Muito bem. Mary Warren diz que mentia e que vocês mentem quando juram ter visto espíritos ou outras manifestações do Diabo. Quem sabe se Mary Warren não foi conquistada por Satanás para nos distrair do nosso sagrado propósito? Se assim for, ela merece a forca. Mas se ela fala a verdade, peço-vos que acabem de uma vez por todas com esse fingimento, porque uma confissão é o melhor caminho.

(*Abigail levanta-se lentamente*).

Há alguma verdade nisto tudo?

ABIGAIL

Nenhuma, senhor.

JUIZ HATHORNE

Minhas filhas, precisamos provar a sinceridade de uma ou de outra. Alguma de vós está disposta a mudar já de atitude ou será preciso recorrer a um interrogatório mais duro?

ABIGAIL

Eu não tenho que mudar de atitude. Mary Warren mente.

JUIZ HATHORNE

(*Para Mary*)

Ainda mantém as suas declarações?

MARY WARREN

(*Numa voz quase inaudível*)

Ainda, senhor.

JUIZ HATHORNE

(*Voltando-se para Abigail*)

Mary Warren sustenta que você estava sentada ao lado dela no Tribunal e que a viu fazer uma boneca e espetar-lhe uma agulha no corpo, para não se picar. O que diz a isto?

ABIGAIL

(*Com uma ligeira nota de indignação*)

Que é uma calúnia, senhor.

HATHORNE

(*Após um curto silêncio*)

No tempo em que trabalhava para o senhor Proctor, viu alguma vez bonecas na casa dele?

ABIGAIL

A senhora Proctor sempre teve bonecas.

PROCTOR

Mary Warren confessa que a boneca que está em casa, é dela. Excelência, a minha mulher nunca teve bonecas em casa.

PARRIS

Quem sabe se não havia bonecas escondidas?

PROCTOR

(*Furioso*)

Podia também haver um dragão de quatro patas, mas ninguém o viu!

PARRIS

Nós estamos aqui, justamente, para descobrir o que nunca ninguém, viu.

PROCTOR

Senhor juiz, estou firmemente convencido que Abigail Willians tinha a intenção de matar.

JUIZ HATHORNE

(*Apontando para Abigail, incrédulo*)

Esta criança capaz de matar a sua esposa?

PROCTOR

Já não é nenhuma criança. Ela induz às outras. Mary, conta agora ao juiz como foi surpreendida com as outras dançando na floresta.

PARRIS

(*Vivamente*)

Excelência, desde que cheguei a Salém, este homem não tem feito outra coisa senão procurar manchar o meu nome. Ele quer agora fazer crer que...

JUIZ HATHORNE

Um momento, senhor!

(*Para Mary Warren*).

Que vêm a ser essas danças?

MARY WARREN

Eu...

(*Olha, a medo, para Abigail, que não tira os olhos dela, desapiedada. Depois, apela para Proctor*).

Senhor Proctor...

PROCTOR

(*Tomando-lhe a palavra*)

Abigail costumava levar as outras garotas para a floresta, Excelência, e, ai, punham-se todas a dançar, nuas...

PARRIS

Excelência, este indivíduo...

PROCTOR

(*Vivamente*)

O Reverendo Parris em pessoa foi descobri-las um dia nesse preparo, em pleno coração da noite! Aí está, senhor, a linda "criança" que ela é!

JUIZ HATHORNE

(*Como se estivesse num pesadelo – volta-se estupefato*)

Reverendo Parris?

HALE

Excelência, isso foi uma das primeiras coisas que o Reverendo Parris me comunicou, quando cheguei de Beverley.

HATHORNE

Não o nega, Reverendo Parris?

PARRIS

Não o nego, mas não vi nenhuma delas nua.

HATHORNE

Mas, Abigail, estava dançando?

PARRIS

(*De má vontade*)

Estava senhor Hathorne.

HATHORNE

(Hathorne, dir-se-ia que com novos olhos, contempla Abigail. *Aponta para Mary Warren*)

Mary Warren, tu afirmas que nunca em tua vida viste espíritos, que nunca foste ameaçada por nenhuma encarnação do Demônio nem foste vítima dos seus agentes. Não é assim?

MARY WARREN

(*Com voz desmaiada*)

É sim, senhor.

JUIZ HATHORNE

Mas aqui, na minha frente tu ficavas fria, desmaiavas...

PROCTOR

Todas não passam de grandessíssimas fingidas.

HATHORNE

Nesse caso pode fingir agora que desmaia?

MARY WARREN

Desmaio?

PARRIS

Desmaia. Prova-nos agora que era fingimento Desmaia, menina!

MARY WARREN

(*Olhando, aflita, para Proctor*)

Eu... não posso desmaiar agora. Eu...

(*Olhando à volta de si, perdida, como se procurasse inspiração para desmaiar*).

Eu... agora não *sinto* vontade para desmaiar, eu...

JUIZ HATHORNE

Será porque agora não há espíritos diabólicos à solta?

MARY WARREN

(*Olha fixamente o vácuo, obviamente à procura do estado emocional necessário e, ao cabo, abana a cabeça, impotente*)

Não... não posso.

PARRIS

Excelência, isto obviamente era uma manobra para tapar os olhos ao Tribunal!

MARY WARREN

Não é verdade!

(*Põe-se de pé*).

Eu desmaiava porque... porque pensava que via espíritos.

JUIZ HATHORNE

Pensava que via espíritos?!

MARY WARREN

Mas não os via, Excelência!

HATHORNE

Como podia pensar que via a não ser que visse realmente?

MARY WARREN

Eu... eu não posso dizer como, mas era assim. Eu... ouvia as outras gritando e o senhor juiz parecia acreditar nelas, e eu... ao princípio era uma brincadeira, senhor, mas depois toda a gente gritando.... Os espíritos, os espíritos, não se fala noutra coisa, só nos espíritos e eu, palavra de honra, excelência, eu apenas pensava que via mas não via, juro.

JUIZ HATHORNE

(*Inquieto volta-se para Abigail*)

Abigail. Minha filha, diz-me a verdade. Será possível que esses espíritos que você diz ter visto sejam apenas ilusão

ABIGAIL

Senhor, não acha que essa pergunta é um insulto?

HATHORNE

Minha filha, eu tenho que tomar tudo em consideração...

ABIGAIL

Estou ofendida excelência, estou muito ofendida. Corri o risco de ser assassinada, porque cumpria o meu dever e para que? É esta a minha recompensa?

JUIZ HATHORNE

(*Fraquejando*)

Minha filha, eu não desconfio de ti…

ABIGAIL

(*Ameaçando-o abertamente*)

Tenha cautela, excelência. Não se julgue tão poderoso que os poderes das trevas não possam apoderar-se do seu espírito! Tenha cautela! Existe...

(*De súbito, a sua atitude, de acusatória, transforma-se na expressão dum intenso pavor. Olha espavorida, para qualquer ponto ou coisa que só ela vê, no ar).*

JUIZ HATHORNE

O que há, minha filha?

ABIGAIL

(*Olhando o ar, para todos os lados, e abraçando o próprio corpo com os braços, como se gelasse de frio*)

Não sei, não sei. Ui que vento, que vento gelado se levantou agora!

(*Caem-lhe os olhos sobre Mary Warren*).

MARY WARREN

(*Aterrorizada, suplicando*)

Abby!

MERCY LEWIS

Excelência, ai que morro gelada!

PROCTOR

As duas estão representando!

HATHORNE

(*Apalpando as mão de Abigail*)

Ela está fria efetivamente.

MERCY LEWIS

(*A bater os dentes*)

Mary, Mary, por que lanças esta sombra sobre mim?

MARY WARREN

Meu Deus, ajudai-me!

SUSANA WALCOTT

Eu gelo, eu morro de frio!

ABIGAIL

(*Visivelmente a tremer*)

Ui que vento, que vento!

MARY WARREN

Abby, não faz isso!

JUIZ HATHORNE

(*Já convencido e possuído pelas artes de Abigail*)

Mary, você está possuída? Está mandando espíritos malignos contra ela?

(Com grande grito histérico, Mary Warren começa a correr. Proctor agarra-a pelo vestido.)

MARY WARREN

Deixe-me ir embora, senhor Proctor. Eu não posso, não posso...

ABIGAIL

(*Gritando, os braços para o céu*)

Ó Pai do Céu, afasta de mim esta sombra terrível!

(Proctor, agarra Abigail e, puxando-a pelos cabelos, obriga-a a pôr-se de pé. Ela grita de dor. Hathorne, estupefato, grita: "O que está fazendo? O que está fazendo?" Parris clama também: "Largue-a! Largue-a!" E a meio de todo este alarido ergue-se a voz poderosa de John Proctor.)

PROCTOR

Como se atreve a invocar o Céu? Prostituta! Prostituta!

(Giles aparta Proctor de Abigail.)

JUIZ HATHORNE

Homem! Homem, o que está a...

PROCTOR

(*Ofegante*)

É uma prostituta, senhor!

ABIGAIL

É mentira!

JUIZ HATHORNE

O senhor tem que provar o que disse! Isto não pode ficar assim!

PROCTOR

(*A tremer todo, sentindo a sua vida toda a ruir à sua volta*)

Eu a conheci, senhor, eu a conheci.

HATHORNE

O senhor... o senhor é um devasso?

PROCTOR

É a verdade! Ela é capaz de negar. Mas o senhor sabe que um homem não jogaria pro alto sua reputação se fosse mentira

HATHORNE

(*Ainda surpreso*)

Em... em que momento o senhor?... Em que lugar?

PROCTOR

(*A voz quebra-se-lhe e a sua vergonha é grande*)

No lugar que convinha: onde o meu gado refocila. Na última noite da minha alegria, há oito meses já. Ela servia em minha casa, senhor. A minha mulher deu conta de tudo e a pôs na rua. Mas como esta criatura é um monstro de orgulho, senhor... Ela tencionava dançar comigo em cima do túmulo da minha mulher! E quase conseguiu, porque eu a desejava como um doido! Mas a vingança dela é uma vingança de prostituta, como os senhores podem ver. Estou inteiramente nas vossas mãos. Agora já podem compreender tudo.

JUIZ HATHORNE

(*Pálido de horror, vira-se para Abigail*)

Nega tudo o que acaba de dizer este homem?

ABIGAIL

Só digo que me vou embora, senhor, e não volto mais!

(Hathorne parece hesitante.)

PROCTOR

Fiz gato sapato da minha honra. Destruí minha reputação. O senhor tem que me acreditar, tem que me acreditar. A minha mulher está inocente. A minha mulher é pura, só tem uma mácula: ter conhecido uma prostituta quando viu está rapariga!

ABIGAIL

(*Caminhando para Hathorne*)

Que maneiras são essas de olhar para mim?

(*Hathorne não consegue falar*).

Não suportarei mais esses olhares!

(Vai *em direção à porta*).

JUIZ HATHORNE

Ordeno que fique onde está, Abigail!

(Ela detém-se, com fogo no olhar).

Reverendo Parris, vá lá dentro e traga a senhora Proctor. E não lhe diga palavra do que aqui se passou.

(*Parris sai*).

Vamos agora tocar o fundo deste lamaçal.

(*Para Proctor*).

A sua mulher, diz o senhor, é uma mulher honesta.

PROCTOR

Em toda a sua vida, senhor, minha mulher nunca mentiu.

JUIZ HATHORNE

E quando ela pôs esta moça fora de casa, ela pôs fora de casa uma... rameira?

PROCTOR

Sim, senhor.

HATHORNE

Portanto sabia que ela era uma rameira?

PROCTOR

Sim, senhor, sabia.

JUIZ HATHORNE

Muito bem.

(*Para Abigail*)

Se ela declarar que pôs você fora de casa pela indecência dos seus costumes, Deus tenha piedade de ti! Agora, fica de costas!

(*Para Proctor*).

O senhor também. Que nenhum dos dois se vire para a senhora Proctor. E que ninguém desta sala profira palavra ou esboce o mais pequeno gesto. Venham!

(*Elizabeth entra, acompanhada de Parris. Ela procura Proctor com os olhos*).

JUIZ HATHORNE

Mulher, aproxime-se.

(*Elizabeth aproxima-se dele, lançando um rápido olhar para o marido de costas*).

Olhe para mim, para os meus olhos apenas.

ELIZABETH

(*Com voz fraca*)

Está bem, senhor.

JUIZ HATHORNE

Por que razão despediu, Abigail Willians pode dizer-me?

(*Curto silêncio, durante o qual Elizabeth procura olhar para Proctor*).

Olhe para os meus olhos apenas e não para o seu marido.

ELIZABETH

(*Não sabe o que responder, porque pressente uma armadilha*).

Ela... ela não me satisfazia.

(*Pausa*).

Nem ao meu marido.

JUIZ HATHORNE

Mas em que é que ela não lhe dava satisfação?

ELIZABETH

Ela era...

(*Olha de relance o marido à espera que ele responda*).

JUIZ HATHORNE

Mulher, olhe para mim! Ela era pouco asseada? Preguiçosa? Terá sido causadora de alguma perturbação grave?

ELIZABETH

Excelência, eu... estava muito doente. E eu... O meu marido é um homem honesto e justo. Nunca se embebeda nem perde o seu tempo em cabarés: está sempre agarrado ao seu trabalho. Mas depois da minha doença... eu julguei que o meu marido se afastava de mim. E esta jovem...

(*Volta-se para Abigail*).

HATHORNE

Olhe para mim. Já lhe disse.

ELIZABETH

Cheguei a pensar que ele se apaixonara por ela. Por isso, uma noite, perdi a cabeça, e expulsei-a de casa.

HATHORNE

O seu marido... afastou-se realmente da senhora?

ELIZABETH

(*Semi-morta de angústia e confusão*)

Meu marido... é um homem honesto, senhor.

HATHORNE

Portanto ele não se afastou da senhora?

ELIZABETH

(*Com voz fraca, olhando decididamente para Proctor*)

Ele...

HATHORNE

(*Indo para o pé dela, agarra-lhe a cara com as mãos*)

Olhe para mim! Que a senhora saiba, cometeu John Proctor alguma vez o crime de adultério?

(*Numa crise de indecisão, ela não consegue articular palavra*).

Responda à minha pergunta! O seu marido é um adúltero?

ELIZABETH

(*Com voz fraca*)

Não, senhor.

HATHORNE

Pode levá-la, Parris.

PROCTOR

Elizabeth, diz a verdade!

HATHORNE

Ela já falou. Pode levá-la!

PROCTOR

(*Num grito*)

Elizabeth, eu confessei tudo! Oh, meu Deus! Ela pensou apenas em salvar a minha honra!

HALE

Excelência, é natural que uma mulher minta numa circunstância destas. O marido estava em julgamento. Peço-lhe, ponha um fim nisto antes que mais um inocente seja condenado! Desde o princípio este homem impressionou-me pela sua sinceridade. Agora acredito nele! Peço-lhe: faça voltar aqui a senhora Proctor antes que nós todos...

JUIZ HATHORNE

Ela não falou em adultério! Este homem mentiu!

(Abigail, com os olhos no teto, solta um grito sobrenatural, selvagem, estarrecedor.)

ABIGAIL

Não! Não faças isso! Vai-te embora! Vai-te embora!

JUIZ HATHORNE

Minha filha, o que há?

(*Aterrorizada levanta os olhos apavorados, a expressão estarrecida, na direção do teto – as outras raparigas fazem o mesmo. Todos a imitam*).

O que é?

(*Hathorne baixa os olhos do teto: está agora realmente assustado: há uma verdadeira tensão na sua voz*).

Minha filha!

(*Abigail está paralisada. Geme, com os companheiros, de boca aberta para o teto*).

Minhas filhas, por que estão...?

MERCY LEWIS

(*Apontando*)

Está ali! Atrás da viga mestra!

JUIZ HATHORNE

(*Seguindo-lhe a direção dos olhos*)

Onde?

ABIGAIL

Mas porquê?

(*Engole a saliva*)

O que vens aqui fazer pássaro amarelo?

PROCTOR

Pássaro? Que pássaro? Não vejo nenhum pássaro!

ABIGAIL

(*Para o teto, numa verdadeira conversa com o "pássaro", como a querer convencê-lo a não a atacar*)

Não podes querer me dilacerar! A inveja é um pecado mortal, Mary!

MARY WARREN

(*Horrorizada, põe-se de pé num salto e suplica*)

Abby!

ABIGAIL

(*Sem se perturbar, continuando a falar com o "pássaro"*)

Oh, Mary, isso não é magia negra tomar a forma dum animal! Não, não posso me calar. O que faço é por Deus!

MARY WARREN

Mas, Abby, eu estou *aqui*!

PROCTOR

Ela está representando!

ABIGAIL

(*Dá neste momento um passo para trás, como receosa de que o "pássaro" desça do teto dum momento para o outro*)

Oh, por favor, Mary! Não desça daí!

SUSANA WALCOTT

As garras! Olha as garras dela!

PROCTOR

É mentira! É mentira!

ABIGAIL

Mary, por favor, não me faças mal!

MARY WARREN

(*Para Hathorne*)

Mas eu não estou lhe fazendo mal.

(*Suplicando*)

Abby, não deve mentir mais!

ABIGAIL E TODAS AS RAPARIGAS

(*Como em êxtase, todas elas*)

Abby, não deve mentir mais!

MARY WARREN

(*Para todas as raparigas*)

Eu estou aqui, eu estou aqui!

AS RAPARIGAS

Eu estou aqui, eu estou aqui!

JUIZ HATHORNE

(*Horrorizado*)

Mary Warren, retira o teu espírito dessas crianças!

MARY WARREN

Juiz Hathorne!

AS RAPARIGAS

(*Interrompendo-a*)

Juiz Hathorne!

JUIZ HATHORNE

Você assinou um pacto com o Diabo? Não assinou?

MARY WARREN

Não, nunca!

AS RAPARIGAS

Não, nunca!

JUIZ HATHORNE

(*Histérico*)

Então por que é que elas repetem só as suas palavras?

PROCTOR

Dêem-me um chicote que eu acabo já com isto tudo!

MARY WARREN

(*Histericamente e batendo com o pé no chão*)

Abby, pára com isso!

AS RAPARIGAS

(*Batendo o pé*)

Abby, pára com isso!

MARY WARREN

Pára! Já disse!

AS RAPARIGAS

Pára! Já disse!

MARY WARREN

(*Gritando o mais que pode e levantando os braços*)

Parem!

AS RAPARIGAS

(*Levantando os braços*)

Parem!

(Mary Warren, o espírito perdido, quase possuída pela absoluta convicção de Abigail e das raparigas, começa a gemer, as mãos meio erguidas, indefesa, e todas as raparigas se põem a gemer exatamente do mesmo modo.)

JUIZ HATHORNE

Ainda há pouco tempo era você a vítima. Agora parece que é você que se apodera do espírito das outras. Donde vem esse poder, Mary Warren?

MARY WARREN

(*Os olhos fixos em Abigail*)

Mas eu não tenho nenhum poder.

AS RAPARIGAS

Mas eu não tenho nenhum poder!

PROCTOR

Elas estão debochando!

JUIZ HATHORNE

(*Vivamente*)

Você viu o Diabo, fez um pacto com Lúcifer, não fez?

PROCTOR

Deus amaldiçoa os mentirosos, Mary!

(Mary pronuncia algumas palavras incompreensíveis, com os olhos postos em Abigail, que continua a olhar para o "pássaro" invisível do teto.)

HATHORNE

Ou confessa tudo ou vai para à forca. Sabe quem eu sou? Estou dizendo que te mando para a forca se não contar a verdade

PROCTOR

Mary, lembre-se do anjo Rafael... "Faz o bem e..."

ABIGAIL

(*A cabeça levantada*)

Ela vai descer! Cuidado! Ela vai descer!

(Abigail e as outras raparigas começam a correr para o pé duma das paredes, tapando os olhos e aos guinchos. De repente, como se estivessem encurraladas, soltam um grito tremendo. Mary, evidentemente contagiada, abre a boca e põe-se a berrar com elas. Pouco a pouco, Abigail e as raparigas calam-se e afastam-se. Apenas Mary fica no mesmo lugar, olhando para o "pássaro", gritando como doida. Olham todos para ela, impressionados com este evidente prodígio. Proctor corre para ela.)

PROCTOR

Mary, conta ao juiz o que elas fizeram...

MARY WARREN

(Foge do seu alcance, gritando de terror.)

Não me toque! Não me toque!

(Ao ver isto as raparigas param junto da porta.)

PROCTOR

(*Espantado*)

Mary!

MARY WARREN

(*Apontando para Proctor*)

O senhor é o homem do Diabo!

(Proctor detém-se ao ouvir estas palavras.)

PARRIS

Deus seja louvado!

AS RAPARIGAS

Deus seja louvado!

PROCTOR

(*Petrificado*)

Mary, como?...

MARY WARREN

Eu não quero morrer enforcada! Eu amo a Deus, eu amo a Deus!

HALE

Excelência, esta criança endoideceu.

PROCTOR

(*Enquanto Hathorne o fita de olhos arregalados*)

Mary, Mary...

MARY WARREN

(*Para Proctor, aos gritos*)

Não, não, eu amo a Deus! Não quero seguir o seu caminho! Eu amo a Deus, eu abençoo Deus.

(*Sempre a soluçar, corre para Abigail*).

Abby, Abby, nunca mais te farei mal!

(Todos observam agora Abigail, cheia de infinita caridade, avançar e receber nos braços a chorosa Mary e erguer depois os olhos para Hathorne.)

JUIZ HATHORNE

(*Para Proctor*)

Que é o senhor? Associado do Anti-Cristo, não? Bem vi o seu poder, não pode negar. Que tem a dizer, senhor?

HALE

Excelência...

HATHORNE

Não quero ouvir falar mais do senhor, Reverendo Hale!

(*Para Proctor*).

O senhor confessa que foi maculado pelo Inferno ou deseja continuar fiel a Satanás? Responda.

PROCTOR

(*Desfeito, ofegante*)

Eu digo... eu digo... que Deus morreu!

JUIZ HATHORNE

Ordeno-lhe a prisão. A ele e a Corey!

HALE

(*Dirigindo-se para a porta*)

Denuncio estes procedimentos ilegais!

PROCTOR

O senhor acaba de espezinhar o Céu e de santificar uma prostituta!

HALE

Denuncio estes procedimentos! Abandono o Tribunal!

(Sai furioso)

HATHORNE

(*Furioso, chamando*)

Reverendo Hale! Reverendo Hale!

CENA 6

Prisão de Salém

(*Uma cela da prisão de Salém, alguns meses depois. Sara e Tituba estão lá quando entra um guarda e joga Marta Corey e Rebeca Nurse para dentro)*

SARA GOOD

Olha, Tituba, está aqui o nosso Rei.

TITUBA

Esse fulano não se parece com o Rei. Parece com o chefe dos guardas.

SARA GOOD

E traz duas com ele. Deve ser então o demônio em pessoa trazendo suas servas.

(Chega perto)

Nossa! É Marta Corey e dona Rebeca Nurse

(Ajoelha-se e toma a benção de Rebeca)

A senhora é muito boa. Não devia estar aqui.

TITUBA

(Para Marta)

Nós vamos as duas para Barbados. O Diabo vai vir trazer as penas e as asas para a gente voar. Lá a Sara não vai mais morar pelas valetas. Ela vai ter um bom lugar no reino do Diabo.

SARA GOOD

Vamos as duas para o sul, como um par de passarinhos azuis! Ah, ah, ah, ah!

(*Bebe uns goles)*

O que faz aqui, Marta Corey? Se veio tentar me fazer rezar, está perdendo o seu tempo. Sou uma serva do Demônio, a seu dispor.

MARTA COREY

Não param de prender pessoas de bem. A prisão está tão cheia que começam a nos amontoar. Rebeca, Rebeca o que vamos fazer.

(Rebeca não fala)

TITUBA

Quer vir com a gente? Eu falo pra ele, dona Marta. Eu falo com o Demônio. lo sempre com o Demônio. Ele vai levar a gente para Barbados.

MARTA COREY

Hoje parece um dia ideal para voar até ao Inferno se ele já não estivesse tão perto. Rebeca você precisa falar. Você precisa protestar.

TITUBA

Oh, em Barbados não há Inferno! Lá o Diabo é bom homem e dança e canta com a gente! A culpa é dos brancos se ele é mau. Eles é que fazem ele ficar zangado! Isto aqui é muito frio para o pobre velho! A alma dele é gelada em Massachussets, mas em Barbados ele é bom como...

(*Neste momento, ouve-se uma vaca a mugir, lá fora. Tituba põe-se de pé sobressaltada e põe-se a berrar da janela*).

Aié, senhor! É ele, Sara Good, é ele, Marta Corey. É ele!

SARA GOOD

Aqui estou, Majestade!

(Entrouxa os trapos, depressa.)

TITUBA

Ele veio por minha causa! Eu vou para a minha terra!

MARTA COREY

Vocês enlouqueceram. Aquilo é uma vaca velha que nem leite dá.

TITUBA

(*Gritando na direção da janela*)

Diabo, leva a Tituba! Leva a Tituba para a terra!

SARA GOOD

Diz-lhe que eu também vou, Tituba! Diz-lhe que a Sara Good também vai!

REVERENDO HALE

Estou aqui, Rebeca com uma missão muito importante... Confessem os seus crimes e salvem a vida. Marta, por favor, Marta.....

(Cai a luz e ascende na cena 7)

CENA 7

Tribunal

PARRIS

Há agora tantas vacas a vaguear pelas estradas. Os donos estão na cadeia e como ninguém sabe ao certo a quem elas pertencem, isso tem criado um problema danado. Levei ontem o dia todo discutindo com os camponeses.

JUIZ HATRHORNE

O que faz o Reverendo Hale por aqui. Tenho visto ele entrando, todo dia, na prisão.

PARRIS

O Reverendo Hale voltou cá para reconduzir Rebeca Nurse a Deus.

HATHORNE

(*Surpreendido*)

O que? Ele vai tentar obter a confissão dela?

PARRIS

Desde que presa Rebeca Nurse ainda não disse uma palavra. Vai para três meses. Ora, neste momento, precisamente neste momento, está ela com o Reverendo Hale, e ainda Marta Corey . Nós as colocamos com outras que já confessaram. Isso talvez

HATHORNE

Não é possível?! Isso é realmente uma providência!

PARRIS

Senhor juiz, eu... eu tenho um problema que...Enfim, pensei... senhor e espero que não ficará... ou melhor...

HATHORNE

Reverendo Parris, explique-se, seja claro, por favor. O que é que o preocupa?

PARRIS

Más notícias, senhor, más notícias que o Tribunal... que o Tribunal deve conhecer. A minha

sobrinha, senhor, a minha sobrinha... acho que desapareceu!

HATHORNE

Desapareceu!

PARRIS

Ela disse que ia ficar a noite em casa de Mercy Lewis e Mercy disse ao pai que ia dormir essa noite em *minha* casa.

HATHORNE

Então fugiram as duas?!

PARRIS

As duas, senhor!

HATHORNE

(*Verdadeiramente alarmado*)

Vou mandar procura-las! Onde estão elas!

PARRIS

Excelência, julgo que a bordo dum navio. A minha filha me disse que ouviu as duas na semana passada falando de navios, e meu cofre foi arrombado!

HATHORNE

O quê? Ela roubou-o?

PARRIS

Trinta e uma libras, senhor. Estou sem um centavo.

(Chora.)

Não posso deixar de pensar que se elas decidiram fugir de Salém é porque tinham razões para recear que se encontravam aqui em perigo.

(*Tentando convencer*).

Não se esqueça, senhor, que Abigail conhecia Salém e os seus habitantes como a palma da mão... E... o senhor sabe...murmura-se em Salém... Dizem que em Andover expulsaram o Tribunal e o povo não quer mais ouvir falar em feitiçaria. E para ser franco, senhor receio que haja tumultos também em Salém.

HATHORNE

Tumultos! Mas por quê? Após casa execução, só vejo satisfação em todos os rostos.

PARRIS

Até aqui tem morrido na forca gente doutra laia, Excelência. Rebeca Nurse não é a Bridget que

viveu três anos amigada com um bispo antes de casar com ele. E John Proctor está longe de ser o Jacob que arruinou a família com a bebedeira. Essas pessoas ainda gozam de grande estima em Salém. Receio muito que quando Rebeca Nurse subir ao patíbulo, se começar a rezar, estale a indignação, e a vingança desta gente caia sobre nós.

JUIZ HATHORNE

Ela foi condenada como bruxa. O que é que o senhor propõe então?

PARRIS

Excelência, eu adiaria as execuções por algum tempo.

JUIZ HATHORNE

Não haverá adiamento.

PARRIS

Mas veja, Excelência. Agora que o Reverendo Hale voltou a ficar do nosso lado, há esperança de reconduzir a Deus uma que seja daquelas almas rebeldes. Essa retratação condenaria todos os outros aos olhos do público e ninguém mais teria dúvidas. Desta maneira, sem confissão e clamando inocência, as dúvidas são legítimas e muita gente honesta pode vir a chorar por eles e o nosso sagrado propósito corre o risco de ser apagado por essas lágrimas.

HATHORNE

(*Depois de refletir um momento, dirige-se a Cheever*)

Deixe-me ver essa lista.

(Cheever abra a pasta e procura.)

PARRIS

Quando reuni a congregação para ler a excomunhão de John Proctor, havia quando muito trinta pessoa. Isso é um evidente sinal de descontentamento?

HATHORNE

(*Estudando a lista*)

A execução não será adiada. Agora diga-me: Com o tempo que temos, qual deles em sua opinião ainda pode ser reconduzido a Deus?

PARRIS

Excelência... A noite passada, ao abrir a porta... Um punhal caiu a meus pés. O senhor não pode enforcar essa gente. Eu estou em perigo. Já não me atrevo a sair de noite!

(Entra o Reverendo Hale.)

HALE

O senhor tem que conceder-lhes o perdão. Eles não transigem.

HATHORNE

Não atenderei um único pedido de perdão ou de adiamento. Os que não confessarem, morrerão na forca. Eu não posso dar o perdão a estes, quando outros doze já foram enforcados pelo mesmo crime. Não seria justo e um adiamento agora podia parecer fraqueza da minha parte; Não! Morrerão! São as represálias que os senhores receiam? Pois bem, fiquem sabendo: mandarei enforcar dez mil, se dez mil ousarem erguer-se contra a lei Falou com eles todos, Reverendo Hale?

HALE

Menos John Proctor, que está preso na torre.

HATHORNE

Traga-me a senhora Proctor. Depois vá buscar o marido. *(Para Hale)* O senhor ouviu falar de rebelião em Salém, Reverendo?

HALE

Excelência, há órfãos que vagueiam de casa em casa; o gado abandonado muge pelas estradas; o fedor das colheitas apodrecidas envenena o ar e ninguém sabe quando o grito duma prostituta poderá significar o fim da sua vida...

HATHORNE

Por que razão ainda está aqui?

HALE

Vim prestar um serviço ao Demônio. Vim aconselhar cristãos a mentir

(Parris entra com Elizabeth. Esta traz os pulsos ligados por grossas correntes, Tem as roupas imundas.)

HATHORNE

Senhora Proctor, não se trata ainda da sua vida. Sei que faltam seis meses para a senhora ter o bebê. Nós apenas... Reverendo Hale, importa-se de falar a esta mulher?

HALE

Senhora Proctor, o seu marido vai ser enforcado esta manhã.

(Um silêncio.)

ELIZABETH

(*Calmamente*)

Já ouvi dizer.

HALE

A senhora não sei se sabe que eu já não faço parte do Tribunal.

(*Elizabeth parece duvidar*).

Estou aqui por iniciativa própria, senhora Proctor. Desejo, acima de tudo, salvar a vida do seu marido porque se ele for executado, eu me considerarei um de seus assassinos. É capaz de me compreender?

ELIZABETH

O que deseja de mim?

HALE

Senhora Proctor, É duas vezes mais maldito o ministro de Deus que aconselha os homens a mentir, mesmo para salvar a vida...

HATHORNE

Reverendo Hale, veja o que diz. Não se trata de mentir. O senhor não pode dizer que confessar é mentir.

HALE

É mentir sim senhor. Eles estão todos inocentes!

HATHORNE

Não consinto que diga isso!

HALE

(Para Elizabeth)

Não se deixe enganar sobre o seu dever, como eu me enganei sobre o meu. Eu também era cheio de princípios e hoje vejo o quanto estava enganado. Dou-lhe um conselho, senhora Proctor: não se agarre a grandes princípios quando esses princípios fazem correr o sangue. É enganadora a lei que nos conduz ao sacrifício. A vida, mulher, a vida é o mais precioso dos bens de Deus, e nenhum princípio, por mais glorioso, pode justificar que seja tirada a alguém. Peço-lhe, portanto, senhora Proctor, insista com o seu marido para que confesse. Ele que minta. Deus condena menos um mentiroso do que aquele que sacrifica a vida por orgulho. Convença-o, suplique-lhe.

HATHORNE

O seu marido vai morrer ao nascer do dia. Isso não significa? A senhora é de pedra? O Demônio terá secado em si todas as lágrimas de piedade?

(*Ela fica em silêncio*).

Levem esta mulher daqui para fora. Nada a comove!

ELIZABETH

(*Tranquilamente*)

Deixe-me falar com ele!

CENA 8

Prisão de Proctor

(É como se ambos se encontrassem fora do mundo. Estão agora para além da dor, acima dela Ele acaricia-lhe a mão. Elizabeth cobre a mão enorme do marido com a sua, pequena.)

PROCTOR

O bebê?

ELIZABETH

Vai crescendo.

PROCTOR

E os nossos filhos? Tem tido notícias?

ELIZABETH

Estão em casa de Francis Nurse, a filha de Rebeca.

PROCTOR

Não os tem visto?

ELIZABETH

Não.

PROCTOR

Elizabeth, você é... maravilhosa.

ELIZABETH

Têm te torturado?

PROCTOR

Têm. Desta vez veem buscar-me para morrer.

ELIZABETH

Eu sei.

(Um silêncio.)

PROCTOR

Ninguém... confessou ainda?

ELIZABETH

Houve quem confessasse.

PROCTOR

Quem?

ELIZABETH

Uns cem. Ou mais, há quem diga.

PROCTOR

E Rebeca?

ELIZABETH

Rebeca não. Essa já tem um pé no céu. Nada a pode atingir agora.

PROCTOR

E Giles?

ELIZABETH

Giles morreu.

PROCTOR

(Incrédulo)

Quando o enforcaram?

ELIZABETH

Não foi enforcado. Se ele negasse a acusação, seria enforcado e vendiam suas propriedades em hasta pública. Por isso ele não disse nada e morreu cristão. Desta maneira os filhos ficam com as terras.

PROCTOR

Então como morreu ele?

ELIZABETH

(*Delicadamente*)

Esmagado, John. Iam-lhe colocando enormes pedras sobre o peito para obrigá-lo a responder. Contam que apenas disse duas palavras: “Mais uma”. E morreu. Era um homem sem medo, Giles Corey.

(Um silêncio.)

PROCTOR

Tenho pensado: e se eu confessasse?

(*Ela não reage*).

Que dizes? Se eu dissesse o que eles querem?

ELIZABETH

O que você fizer está bem feito. Quero que viva, John. Oh, se quero!

PROCTOR

E a mulher de Giles? Confessou?

ELIZABETH

Não.

(Um silêncio.)

PROCTOR

Seria uma fraude subir ao patíbulo como um santo. Não sou um homem de bem, Elizabeth. Sou um homem manchado. Não sou digno do martírio. Os outros, sim. Não perderei nada se oferecer a mentira que pretendem.

(Pausa)

Custa muito oferecer mentiras a cães.

(*Um silêncio durante o qual ele a olha de frente pela primeira vez*).

Queria que você me perdoasse, Elizabeth

ELIZABETH

(*Abafando um soluço sempre iminente*)

É a mulher fria que leva o marido ao adultério.

JUIZ HATHORNE

(Entrando)

Então, Proctor, que decidiu? Já vai raiar o sol

ELIZABETH

Faz o que quiseres. Perdoa-me, John, perdoa-me.

PROCTOR

(*Com voz alta*)

Quero salvar a minha vida!

JUIZ HATHORNE

(*Eletrificado, surpreendido*)

O senhor confessa!

PROCTOR

Quero salvar a minha vida!

JUIZ HATHORNE

(*Em tom místico*)

Graças sejam dada a Deus! É a Providência!

(*Corre desarvorado para a porta e ouve-se a voz, corredor abaixo*).

Ele confessa!

(Tira a confissão do bolso para que ele assine)

Mas a confissão tem de ser escrita?

HATHORNE

Para ser afixada à porta da igreja!

PROCTOR

Aqui diz que eu vi o Diabo, que trabalhei pra ele e que fiquei a seus serviços...

(Entra Parris trazendo Rebeca Nurse, que mal pode andar.)

REBECA

(*Iluminam-se-lhe os olhos ao ver Proctor*)

Oh, John! Sempre firme, hein?

HATHORNE

Coragem, homem, coragem! Ele confessou. Vai assinar a confissão.

REBECA

(*Espantada*)

O que, John?! Oh, John, que Deus tenha piedade de ti!

JUIZ HATHORNE

Senhor Proctor, quando o Diabo lhe apareceu trazia por acaso Rebeca Nurse na sua companhia?

(*Proctor fica calado*).

Vamos, homem de Deus, coragem. O senhor viu esta mulher com o Demônio?

PROCTOR

(*Mal se ouve*)

Não. Esta mulher nunca em sua vida teve a intenção de trabalhar para o Demônio!

JUIZ HATHORNE

Que o senhor saiba, foi Rebeca Nurse alguma vez...

PROCTOR

Apenas posso falar dos meus pecados. Os dos outros não são da minha conta.

HALE

Excelência, basta que ele tenha confessado. Ele que assine a confissão.

PROCTOR

(*Depois de lançar uma vista de olhos para a confissão*)

Os senhores foram testemunhas. Isso basta.

HATHORNE

Não quer assinar?

PROCTOR

Foram todos testemunhas. Que mais é preciso?

HATHORNE

O senhor está a brincar comigo? Ou assina ou não há confissão!

(Ofegando de angústia, Proctor põe o papel sobre a mesa e assina.)

PARRIS

Louvado seja Deus!

(Mal Proctor acabou de assinar, Hathorne quase corre a arrancar-lhe a confissão das mãos. Proctor, porém, rápido, apodera-se do papel. Cresce nele um terror selvagem e uma cólera sem limites.)

HATHORNE

(*Como se Proctor não tivesse compreendido*)

Senhor Proctor, eu tenho que ficar com essa confissão...

PROCTOR

Não, não. Eu assinei. Os senhores viram-me assinar. Pronto. O senhor não tem necessidade deste pedaço de papel.

HATHORNE

Mas, Proctor, a aldeia tem que ter uma prova de que o senhor...

PROCTOR

Ao Diabo, a aldeia! Eu confessei à Deus. Deus não precisa de ver o meu nome afixado à porta da igreja! Deus vê o meu nome, aqui. Deus conhece os meus pecados e sabe como eles são negros! Isso basta! Eu não sou a Sara Good nem a Tituba! Eu sou John Proctor! Não, não se servirão de mim! Tenho três filhos, senhor. Como posso eu ensinar-lhes a ser homens...

(*Num grito de alma*)

Trata-se do meu nome! Não posso ter outro nome na vida! Esse papel só diz mentiras e calúnias! Como posso eu viver sem o meu nome? Dei-lhes a minha alma, deixem-me o meu nome!

JUIZ HATHORNE

(*Mostrando a confissão nas mãos de Proctor*)

Se é uma mentira não posso aceita-lo! Não faço torça com calúnias, meu senhor!

(*Proctor fica imóvel*).

Ou o senhor me dá a sua confissão leal ou não poderei livrá-lo da forca.

(*Proctor não responde*).

O que escolhe, senhor Proctor?

(Ofegante, os olhos fixos, Proctor rasga o papel.)

HATHORNE

Ezequiel!

PARRIS

(*Histericamente*)

Proctor! Proctor!

HALE

Homem, vai morrer enforcado! O senhor não pode morrer!

PROCTOR

(*Os olhos cheios de lágrimas*)

Posso, sim senhor. É este o seu primeiro prodígio, Reverendo: é que posso. Isso foi obra de magia, obra sua, porque eu agora julgo ver alguma coisa de bom e de claro em John Proctor. Não muita, é certo. Não chegava para fazer uma bandeira, mas é bastante para valer a pena preserva-la destes cães.

(*Elizabeth, num assomo de terror, corre para ele e agarra-lhe as mãos, desfeita em lágrimas*). Não lhes ofereças lágrimas! É o que eles querem! Dão-lhes prazer, as lágrimas! Mostra-lhes antes a tua dignidade e a firmeza da tua alma. Assim os vencerás!

(Levanta-a nos braços e beija-a apaixonadamente.)

REBECA

Não tenhas medo! Outro julgamento nos espera!

JUIZ HATHORNE

Para a forca, para a forca, os dois! Quem os chorar, chora pela corrupção!

(Afasta-se a passos largos. Saem da cena. Elizabeth fica a meio do palco com os olhos fixos.

Rufar dos tambores.)

ELIZABETH

Ele agora encontrou a sua claridade!

(Rufar dos tambores se quebra por segundos antes de atingir o máximo de violência. Os tambores ressoam funereamente na luz lavada do novo dia.)

(Cai o pano)

FIM

ADENDOS

"*BRUXAS DE SALÉM*" RETRATA PERVERSÕES DE UM JULGAMENTO SOB FRENESI[{1}]

Alegoria do macarthismo, peça de Arthur Miller também é um alerta sobre o processo penal

A coisa mais terrível sobre "*As Bruxas de Salém*" é saber que se trata, em boa parte, de uma história real. Se você lesse a peça (ou assistisse) imaginando como uma obra de ficção, já provavelmente acharia chocante. Sabendo que aconteceu de verdade, não há como não se importar.

A história aconteceu nos Estados Unidos, em Massachussets, em 1692. Foi um julgamento brutal de várias pessoas que, segundo se entendia, estariam ligadas a bruxarias e envolvidas com o demônio.

Tem muito a ver com o espírito puritano que dominava parte das colônias inglesas na época. Isolados do mundo, vivendo numa sociedade em que todos tinham basicamente as mesmas crenças religiosas, havia uma confusão entre Justiça humana e julgamento religioso.

A história começa depois que várias meninas (umas bem novas, outras mais velhas) fizeram um

ritual na mata próxima a Salém. Queriam saber sobre namoros e prender namorados, coisas do gênero. Junto com elas, havia uma escrava negra, supostamente versada em rituais mágicos. Quando se descobre isso, as meninas começam imediatamente, para livrar sua pele, a acusar pessoas que estariam levando o demônio a Salém. Elas estariam enfeitiçadas e outras pessoas seriam as culpadas.

A expressão "caça às bruxas" tem tudo a ver com o clima da peça. O perito encaminhado à cidadezinha começa a literalmente querer saber quem são as bruxas que atraíram um mal tão grande para a região. Tudo vira indício de participação em rituais terríveis. Uma mulher é presa sob a acusação de não deixar (por poderes sobrenaturais, claro) que seu marido se concentrasse na leitura da Bíblia.

A história se desenrola de maneira que, em breve, dezenas de pessoas são condenadas por participação em artes demoníacas. Boa parte delas é assassinada, depois de julgamentos que, hoje, nos parecem bem pouco justos.

Arthur Miller teve a ideia de escrever o livro depois de ver o macarthismo dominar os Estados Unidos dos anos 1950. Quis fazer algo que servisse de metáfora para a "caça aos comunistas" que acontecia na Guerra Fria. E foi achar no século 17. O processo então capitaneado pelo senador McCarthy levou dezenas de artistas e intelectuais a comissões do congresso, nas quais eram estimulados a confessar ligações subversivas e, sobretudo, delatar seus companheiros –em nome do respeito ao interesse nacional e a integridade da pátria, supostamente ameaçada.

Permeada pelos condimentos da intolerância religiosa e traços de vingança pessoal, a peça retrata a história de jovens que, para se isentar da responsabilidade pela participação em feitiçarias, fingiram-se possuídas, atribuindo a culpa a bruxarias de que teriam sido vítimas. As acusações instauraram um clima de pânico na cidade e levaram à instituição de um tribunal de amplos poderes, cujas decisões foram calcadas, sobretudo, nos testemunhos recheados de suspeição e nas delações e confissões forçadas.

Há muito que se possa descortinar sobre a natureza humana no belíssimo trabalho de Miller: o peso da culpa, a ambição desmesurada, a lealdade que sobrevive nos momentos mais tenebrosos, de modo que a peça não pode ser reduzida à sua alegoria política.

Mas a par disso é extremamente esclarecedora para quem maneja o direito. Imprescindível para a compreensão das nuances e dos limites de um processo penal. Especialmente sobre os perigos de uma acusação contaminada pelo frenesi da reprovação popular.

É uma leitura instigante e perturbadora que denuncia o abandono de princípios tradicionais nas decisões de exceção (justificadas pela 'gravidade' que o momento impõe) e a contaminação do julgador pela opinião pública -quando a autoridade se legitima pelo medo.

É um alerta para os riscos de uma postura abertamente inquisitória (aquela que confunde juiz com acusador e trata a defesa como uma afronta) e mesmo a ideia da desproporcionalidade das provas -quanto mais grave a acusação, mais tênues os indícios exigidos para demonstrá-la.

As Bruxas de Salém nos mostra, enfim, até onde o esvaziamento do sentido de garantia do processo, pode nos levar, particularmente nos julgamentos movidos pela repulsa popular.

VIDA E OBRA DE ARTHUR MILLER

Vida de Arthur Miller foi tão dramática quanto suas peças[{2}]

Por Arthur Spiegelman

Arthur Miller escreveu peças tão poderosas e contundentes quanto tragédias gregas e viveu envolto em dramas próprios, entre eles um casamento tempestuoso e fracassado com a atriz e símbolo sexual Marilyn Monroe.

Miller conquistou um Prêmio Pulitzer e a fama internacional com sua peça "*Morte de um Caixeiro Viajante*", de 1949, encenada em todo o mundo, na qual ele criou o personagem memorável do empresário fracassado Willy Loman. Muitos críticos e fãs o viram como candidato natural ao Prêmio Nobel de Literatura, mas ele não o recebeu.

Miller, que politicamente era de esquerda, quase cumpriu pena de prisão por "atividades antiamericanas" por ter se recusado a denunciar colegas diante de um comitê do Congresso, durante a caça a simpatizantes comunistas liderada pelo senador John McCarthy após a 2a Guerra Mundial.

Em uma peça após a outra, Miller se transformou na consciência de seu país, sempre levando ao

primeiro plano das atenções questões sociais até então ignoradas. Suas peças incluem "*Todos Eram Meus Filhos*", sobre um homem de negócios que lucra com a guerra, mas cujas ações destroem sua família, e "*As Bruxas de Salém*", que à primeira vista tratava dos julgamentos de várias mulheres por bruxaria ocorridos em Salém no século 17, mas, na realidade, fazia referência à caça às bruxas da era McCarthy.

Arthur Miller se descreveu como um estranho no mundo da dramaturgia norte-americana, levando a ela notícias indesejadas sobre o mundo externo. Em sua autobiografia, "*Timebends*", publicada em 1987, ele escreveu de maneira viva e dolorosa sobre seu casamento com Marilyn Monroe, entre 1956 e 1960, descrevendo a atriz como uma pessoa assombrada pelos fantasmas de uma infância infeliz, fantasmas esses que acabaram por destruí-la.

Ele próprio se descreveu como espectador impossibilitado de fazer qualquer coisa, incapaz de salvar Marilyn ou, no final, de suportar os acessos de raiva dela contra ele. Marilyn, disse ele, era a mulher mais triste que ele conhecera. O relato que ele fez da união deles foi tão forte quanto qualquer dos dramas de sua autoria.

Em "*Timebends*", Miller quase não mencionou sua primeira mulher, Mary Slattery, que ele deixou para se casar com Monroe. Mas, em entrevistas, ele descreveu esse casamento como tendo acabado muito antes de ele se envolver com a deusa das telas de Hollywood.

Recusa em Colaborar com McCarthy

Filho da Grande Depressão, Miller pagou seus estudos universitários com seu próprio trabalho, e, quando finalmente chegou à Broadway, já era esquerdista convicto. Mas o Partido Comunista não identificou muito o que elogiar em seu trabalho.

Suas posições políticas, que mudaram dramaticamente ao longo dos anos, chamaram a atenção do Departamento de Estado, que confiscou seu passaporte, e do Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara dos Deputados.

Miller se recusou a obedecer à exigência de que denunciasse outros esquerdistas e optou por não recorrer à Quinta Emenda constitucional americana, que lhe permitiria não dar informações que poderiam incriminá-lo. O Congresso votou por acusá-lo de desacato, veredito posteriormente revertido no tribunal, com base em argumentos técnicos.

Anos mais tarde, Miller, já na condição de presidente da associação internacional de escritores PEN, lutou pelos direitos dos escritores na Europa do leste e na União Soviética, dizendo que suas experiências na América o fizeram compreender o que era assédio.

Em entrevista concedida em novembro de 1987, Miller disse à Reuters que a razão pela qual foi chamado a depor perante o Congresso foi o fato de que iria se casar com Marilyn Monroe. Ele afirmou que o presidente do Comitê, Francis Walters, estava disposto a arquivar todo o pedido relativo a ele, em troca de ter Monroe posando a seu lato numa foto. Miller rejeitou a oferta.

"*Morte de um Caixeiro Viajante*", que estreou na Broadway em 1949, valeu a Miller o reconhecimento imediato, levando-o a ser visto como um dos três maiores dramaturgos americanos do século, ao lado de Eugene O'Neill e Tennessee Williams.

O crítico do The New York Times escreveu: "*É tão simples em estilo e tão inevitável em sua temática que mal parece uma coisa que foi escrita e representada. Pois Miller olhou com compaixão dentro dos corações de alguns americanos comuns e, sem alarde, transferiu suas esperanças e suas angústias para o teatro*".

Nos anos que se passaram desde que o ator Lee J. Cobb pela primeira vez subiu ao palco na pele de Willy Loman, o patético e cansado vendedor cujos sonhos viraram cinzas, Miller escreveu uma série de outras peças contundentes, incluindo "*Panorama Visto Desde a Ponte*", "*A Memory of Two Mondays*", "*After the Fall*" (*Depois da Queda*), "*Incident at Vichy"* e "*The Price*" (*O Preço*).

Ele também escreveu o roteiro do filme "*Os Desajustados*", que ele criou como veículo para Marilyn Monroe, e um especial dramático de televisão, "*Playing for Time"*.

Primeiro Sucesso

A primeira peça de Arthur Miller a fazer sucesso na Broadway foi "*Todos Eram Meus Filhos"*, em 1947, a história de um industrial que fabrica produtos para a guerra e cujos produtos levam à morte de muitos soldados e ao suicídio de seu próprio filho.

Miller nasceu em 17 de outubro de 1915 na rua East 112, em Manhattan. No início da Grande Depressão ele se mudou para o bairro do Brooklyn com sua família.

Ele se baseou nas memórias de sua infância para criar suas obras mais contundentes, incluindo "*Morte de um Caixeiro Viajante*", que, segundo disse, surgiu "de imagens simples".

Depois de completar o colégio, Miller trabalhou durante dois anos no almoxarifado de um depósito de autopeças, até ter dinheiro suficiente para pagar seus estudos na Universidade do Michigan.

Ele retornou a Nova York em 1938 e entrou para o Projeto Federal de Teatro, mas, antes de sua primeira peça ser produzida, o projeto terminou, e ele teve que se empregar no estaleiro da Marinha em Brooklyn.

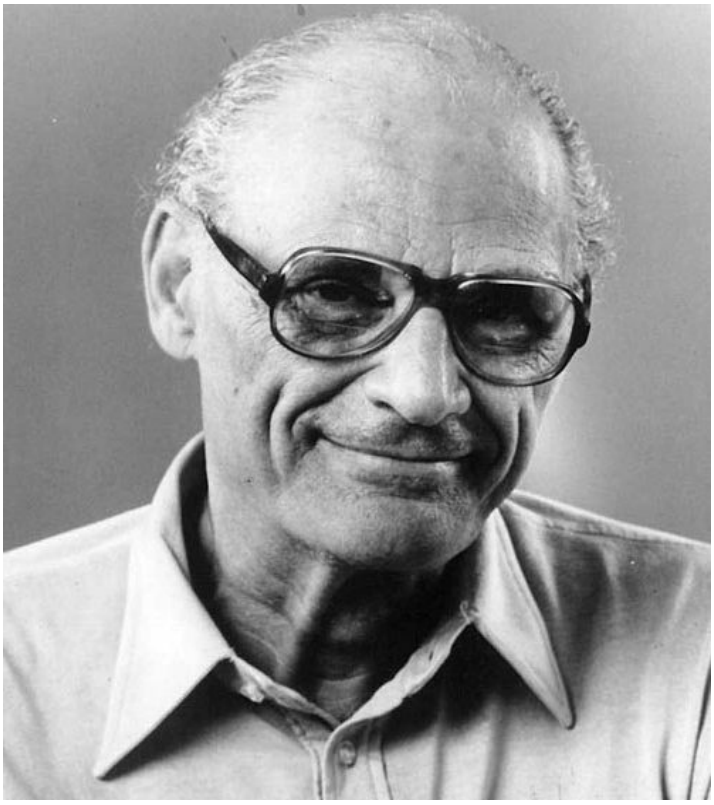
Sua intimidade com o cais do porto em Brooklyn o ajudou a criar os personagens de "*Panorama Visto Desde a Ponte*", em 1955, e outros aspectos de sua cidade natal ganharam destaque em "*O Preço*", de 1968, sobre um policial de Nova York. Quando Broadway começou a relutar em encenar seus trabalhos, Miller se voltou a Londres, que o recebeu de braços abertos.

Seu biógrafo Martin Gottfried disse que a "ressurreição americana" de Arthur Miller só começou em 1995, com o sucesso de uma versão para o cinema de "*As Bruxas de Salém*", produzida por seu filho Robert.

Miller escreveu dois livros de reportagem, "*In Russia*" e "*Chinese Encounters*", ambos ilustrados com fotos de sua terceira mulher, a fotógrafa austríaca Inge Morath, além de "*Um Caixeiro em Pequim*", baseado em sua experiência na China, onde dirigiu uma produção de "*Morte de um Caixeiro Viajante*".

Inge Morath, que passou 40 anos casada com Miller, morreu em 2002. Em maio do mesmo ano,

Miller recebe o prêmio espanhol Príncipe de Astúrias de Letras.



Arthur Asher Miller morre em Roxbury, Connecticut, Estados Unidos, no dia 10 de fevereiro de 2005. Ele deixou três filhos-- dois de seu primeiro casamento e um do terceiro.

{1} Adaptado a partir dos seguintes endereços eletrônicos:

http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/dia-de-classico/livro-da-semana-as-bruxas-de-Salém/

http://blog-sem-juizo.blogspot.com.br/2012/09/bruxas-de-Salém-retrata-perversoes-de.html

{2} Adaptado do endereço eletrônico: http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/02/11/ult26u18465.jhtm